

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

**JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE:
Os jovens da comunidade de Peixinhos.**

MICHELINE CHAVES DO NASCIMENTO CUNEGUNDES

RECIFE
2004

MICHELINE CHAVES DO NASCIMENTO CUNEGUNDES

**JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE:
Os jovens da comunidade de Peixinhos.**

Dissertação apresentada ao
Curso de Mestrado em
Sociologia da Universidade
Federal de Pernambuco
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre
em Sociologia.

ORIENTADORA: PROF^a DR^a LÍLIA MARIA JUNQUEIRA

RECIFE
2004

Ata da Sessão de Arguição de Defesa de Dissertação de MICHELINE CHAVES DO NASCIMENTO CUNEGUNDES, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos dezenove dias do mês de março do ano de dois mil e quatro, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o **Exame da Dissertação de Mestrado de MICHELINE CHAVES DO NASCIMENTO CUNEGUNDES**, intitulada: *"JUVENTUDE, CULTURA E IDENTIDADE: Os Jovens da Comunidade de Peixinhos."* A Comissão foi composta pelos Professores: **Dra. Lilia Maria Junqueira - Presidente/orientadora; Dr. Russel Parry Scott - Titular Interno - PPGS; e Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvim - Titular Externa - UFRJ.** Dando início aos trabalhos a Dra. Lilia Maria Junqueira explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar ao Dra. Lilia Maria Junqueira, presidente da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade.** E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelos membros da Comissão Examinadora e pelo candidato. Recife, 19 de março de 2004.

Lutalya Elias
Wiana Conelli Pereira
Lilia M. Junqueira
Russel Parry Scott
M. Rosilene

Dedico este trabalho à minha
mãe, a meu pai e a meu irmão.

AGRADECIMENTOS

À Professora Lília Junqueira pela dedicação na orientação deste trabalho, sobretudo nos momentos de desânimo, quando sempre tinha uma palavra de estímulo a ser dada;

À CAPES, pelo apoio através de bolsa, durante o curso de Mestrado;

A Maia, Mônica, Fátima, Rosa e a toda a família, por terem sido tão amáveis e receptivos;

À Dayana e a todos os adolescentes que participaram da pesquisa;

À Márcia Amorim, pelo carinho e pelo apoio dado nos momentos que mais precisei;

À Profa. Vera Canuto e ao Prof. Luis Canuto pela atenção e o carinho;

À minha amiga Érika Rio, pela ajuda constante, tirando minhas dúvidas referentes ao computador, pelo apoio dados nas transcrições das fitas e pelo ombro amigo;

Ao meu irmão Eric, pelo apoio dado durante este período;

Às amigas Wanderlice, Celma, Adjane, Fátima, Helena, Elza pelo carinho e apoio.

Aos meus tios, Valtinho e Shirley pelo carinho que sempre me deram.

A todos os amigos e parentes que estiveram presentes na minha jornada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a influência dos projetos sociais na construção da identidade dos jovens, tendo como referência a visão dos jovens sobre si mesmos. Este estudo de caso foi realizado no Bairro de Peixinhos, situado em Olinda, Região Metropolitana de Recife. Tem como amostra empírica jovens participantes de dois projetos culturais desta comunidade, o Lamento Negro e o Gazela Negra. Com base nos estudos sobre Cultura, Identidade e Juventude, identificamos que aspectos culturais vêm sendo determinantes no que diz respeito às atuações dos jovens no processo histórico da sociedade brasileira. Nos anos de 1990 e 2000, a identidade juvenil, como categoria de estudo da Sociologia, ultrapassa o âmbito espacial das universidades, ampliando seus horizontes. Ela vem sendo elaborada a partir da família, da escola, dos lugares de trabalho, dos “shopping centers”, dos clubes noturnos, das ruas e outros espaços de lazer, cultura e sociabilidade, e, inclusive, da participação destes jovens em projetos sociais e culturais. Assim, setores mais abrangentes diretamente ligados ao consumo e aos estilos culturais são alcançados. Percebemos nesse estudo que, para os jovens entrevistados, ao participar de projetos sociais, sua identidade social se maior enriquece com a elaboração maior dos seguintes princípios e comportamentos: o senso de responsabilidade em seus atos; a valorização da escola, da profissionalização e da cultura; a valorização da relação familiar; o respeito às pessoas com quem convivem; e o não envolvimento com drogas ou com a violência em geral. Os jovens abordados se identificam, sobretudo, como cidadãos dispostos a usufruírem seus direitos e exercerem seus deveres.

ABSTRACT

This work has as objective to investigate the influence of the social projects in the construction of the identity of the young people, having as reference they own vision about themselves. This study of case was carried through in the Quarter of Peixinhos, situated in Olinda, Region Metropolitan of Recife. It has as empirical sample or youngs participants in two cultural projects of this community, the Lamento Negro and the Gazela Negra. On the basis of the studies on Culture, Identity and Youth, we identify that cultural aspects come being determinative in that says respect to the performances of the young in the historical process of the Brazilian society. In 90 years and the 2000 youthful identity, as category of study of sociology, exceeds the space scope of the universities, extending its horizontes. It comes being elaborated from the family, of the school, the places of work, in to the shopping centers, clubs, in the streets and other spaces of leisure, culture and sociability, also, of the participation of these young people in social and cultural projects. Thus, directly on more including sectors to the consumption and the cultural styles are reached. We perceive in this study, that, for the interviewed young people, when participating of social projects, its social identity if enriches with the elaboration biggest of the following principles and behaviors: The sense of responsibility in its acts; the valuation of the school, the professionalization and the culture; the valuation of the familiar relation; the respect to the people with who coexists; not relations with drugs or the boarded young violence, in general. The youngs that was approached in this search did identify, over all, as citizens made use to usufruct its rights and to exert its duties.

Sumário

Introdução	10
Capítulo I	13
Cultura e identidade juvenil nas Ciências sociais	13
1.1- Noções e conceitos de cultura nas Ciências Sociais	13
1.2- Limites entre aculturação e cultura	16
1.3- Culturas e hierarquias	19
1.4- Cultura juvenil	22
1.4.1- A crise juvenil	24
1.4.2- A cultura adolescente e a revolta juvenil	25
1.5- Cultura, identidade e diferença	27
Capítulo II	
A categoria juventude, do século XVIII aos dias atuais	34
2.1- A juventude enquanto categoria social nos séculos XVIII e XIX	35
2.2- A juventude e suas expressões no século XX	37
2.3- A Juventude como agente de mudança social	40
2.4- A marca da força cultural da juventude	43
2.5- A juventude no final do século XX	46
Capítulo III	
Cultura e juventude em Peixinhos	51
3.1- O bairro a sua história	52
3.2- Peixinhos, as mobilizações e a cultura	55
3.3- Entre tantos grupos, o Lamento Negro e o Gazela Negra	63

3.3.1- O toque do Lamento Negro	63
3.3.2- Gazela Negra: onde tudo começou com a dança	68
Capítulo IV	
A nova identidade: responsabilidade e cidadania contra um cotidiano de violência	73
4.1- Objetivo e justificativa da pesquisa	73
4.1.1- A escolha do bairro	75
4.1.2- Os grupos e a pesquisa de campo	76
4.2- Elementos formadores da identidade social dos jovens de Peixinhos	81
Conclusão	96
Bibliografia	101
Anexo	107

INTRODUÇÃO

Desde os anos 1950 e 1970 a juventude, enquanto categoria sociológica, vem sendo observada como agente mobilizador e promotor de mudança social. Os movimentos juvenis eram analisados a partir de uma perspectiva de que faziam parte de uma geração que ameaçava a ordem social, interferia nos planos político, cultural e moral, mantendo uma postura crítica à ordem estabelecida e desenvolvendo atos concretos em busca de transformação através dos movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, como hippies, punks e outros da época.

A partir dos anos 1990 os jovens têm sua imagem associada à apatia, à desmobilização. O agente político é substituído pelo jovem que transita em vários espaços, não mais centralizados, no qual passam seus anos de formação em redes mais dispersas que as existentes nos anos 60. Estes fatores foram favorecidos pela crise social e econômica dos anos 1970 e 1980 devido a um maior espaço no mercado de trabalho reservado para os mais jovens, à penetração dos meios de comunicação e de massa, ao aumento do consumo, modificando o perfil existente da identidade juvenil.

Nos grandes centros urbanos brasileiros fatores econômicos e sociais, como o aumento do desemprego, da pobreza e a fome, favoreceram o crescimento da criminalidade, o aumento do tráfico e do consumo de drogas. Com a dispersão e diversificação das redes de sociabilidade, os jovens se encontram vulneráveis às mazelas sociais associadas à violência.

Neste período, anos 1990, com o aumento da violência urbana, principalmente na periferia desses centros urbanos, registra-se o crescente envolvimento da juventude em galeras, quadrilhas de assaltantes ou quadrilhas de tráfico de drogas.

Partindo desses fatores, foi possível identificar diversas formas de organizações sociais no Brasil, derivados da grande exclusão social. Vários grupos sociais e culturais surgiram dentro de comunidades da periferia dos centros urbanos, interessados em desenvolver alternativas para melhorar a vida das pessoas que moram nessas regiões.

Em Recife, que apresenta os mesmos problemas sociais de outros centros urbanos brasileiros, muitos grupos vêm realizando trabalhos com jovens dessas localidades com a perspectiva de desenvolver atividades de incentivo à prática da cidadania, da profissionalização, tendo como base metodológica a valorização da cultura na elevação da auto-estima das pessoas.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo investigar a influência dos projetos sociais na construção da identidade dos jovens. Tendo como referência a visão dos jovens sobre si mesmos, buscamos identificar que elementos identitários fazem parte da formação social do jovem a partir de sua participação nestes grupos culturais e de sua vivência em outros setores da sociedade - família, escola, grupo de amigos, etc.

Para a realização deste estudo de caso, a comunidade de Peixinhos foi escolhida a partir de alguns fatores fundamentais para a observação, ou seja, a capacidade de organização e mobilização social, o surgimento de muitos grupos culturais envolvendo a juventude do local, e a exploração da imagem do bairro enquanto um local onde se busca valorização da cultura

Para isto, no caminho percorrido para o desenvolvimento do estudo de caso, o primeiro capítulo discute o conceito de cultura e identidade, a partir da construção das palavras e significados como meio de identificar como a cultura juvenil está envolvida no processo social.

O segundo capítulo trabalha o conceito de juventude, partindo de seu surgimento histórico enquanto categoria sociológica, identificando os estudos que se destacaram do século XX até os dias atuais. Ainda nesta seção, é feita uma observação dos estudos que vêm sendo realizados no Brasil referentes à juventude, e como novas identidades juvenis vêm sendo construídas ao longo dos tempos.

O terceiro capítulo retrata a história do bairro de Peixinhos desde a chegada do “progresso” na comunidade, passando pelo desenvolvimento da organização e mobilização dos moradores e pelo surgimento dos grupos culturais e sociais, sobretudo aqueles cujos jovens participantes foram abordados em nossa pesquisa (Lamento Negro e Gazela Negra).

O quarto capítulo trata da metodologia utilizada na pesquisa, apresentando a justificativa e o objetivo do trabalho. Esta seção é finalizada com a análise das entrevistas, na qual buscamos identificar que elementos identitários são acrescentados à formação social do jovem a partir de sua participação nos projetos culturais acima citados, e em outros espaços sociais como a escola, a família e etc.

CAPÍTULO I

CULTURA E IDENTIDADE JUVENIL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

1.1- Noções e conceitos de cultura nas Ciências Sociais

Para a compreensão do sentido atual do conceito de cultura nas Ciências Sociais, é importante observar sua gênese social, ou seja, analisar como se deu sua formação como conceito, o contexto científico do qual ele depende, sua origem e sua evolução semântica, pois é a partir desta herança que se cria uma certa dependência em relação ao passado nos seus usos futuros.

O século XVIII pode ser considerado o período de formação do sentido moderno da palavra. Em 1700, a “cultura” já era termo antigo no vocabulário francês. A palavra tinha como significado o cuidado com o campo e com o gado, e determinava uma ação (cultivar a terra). Duas décadas depois, o sentido figurado do termo começa a se impor, pois

“ele faz sua entrada com este sentido no Dicionário da Academia Francesa (edição de 1718) e é então quase sempre seguido de um complemento: da ‘cultura das artes’, da ‘cultura das letras’ da ‘cultura da ciência’, como se fosse preciso que a coisa cultivada esteja explicitada” (CUCHE, 2002: 20).

No decorrer do século XVIII, a palavra é liberada dos complementos e começa a ser empregada só, no sentido, agora, de “formação”, de “educação” do espírito. Ela agora passa de cultura como ação, para cultura como estado (estado do espírito cultivado pela instrução, estado do indivíduo que tem cultura). Esta oposição é pertinente para os pensadores do

Iluminismo, que concebem a cultura como caráter distintivo da espécie humana, ou seja, “a cultura, para eles, é a soma dos saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, considerada como totalidade, ao longo da história” (Idem: .21).

A palavra é associada às idéias de progresso, de evolução, de educação, de razão, que estão no centro do pensamento da época. A idéia de cultura participa do otimismo do momento, baseado na confiança do futuro perfeito do ser humano. Assim, a palavra cultura se aproxima de outra que vai ser muito utilizada no vocabulário francês: civilização. As duas palavras pertencem ao mesmo campo semântico, refletindo as mesmas concepções fundamentais. A cultura, associada ao progresso do indivíduo; e a civilização, ao progresso coletivo.

Em seguida, a palavra “civilização” se liberta, através dos filósofos reformistas, do seu significado mais recente, correspondendo para eles ao processo que tira a humanidade da ignorância e da irracionalidade. Com base neste conceito, os pensadores burgueses reformadores utilizam-se de suas influências políticas, impondo seu conceito de governo da sociedade que, segundo eles, deve se apoiar na razão e nos conhecimentos. A civilização é então definida como um processo de melhorias das instituições, da legislação, da educação. Ela afeta a sociedade como um todo, sobretudo o Estado, e se afasta de tudo que ainda é irracional em seu funcionamento. Só assim, acredita-se, a civilização pode e deve se estender a todos os povos que compõem a humanidade.

A partir da segunda metade do século XVIII, o debate sobre o conceito de cultura (Kultur) permanece, e o sentido figurado aparece no vocabulário alemão igualmente ao usado na língua francesa, uma vez que, o uso freqüente dessa língua pelas classes superiores na Alemanha e a influência iluminista são fortes na época, explicando esta absorção do conceito francês.

O conceito de cultura na Alemanha evolui rapidamente em um sentido mais restritivo que na língua francesa. A distância social entre a aristocracia alemã e as outras classes sociais fez com que a burguesia intelectual alemã opusesse os valores chamados “espirituais”, baseados na ciência, na arte, na filosofia e na religião, aos valores “cortesês” da aristocracia, pois somente os primeiros seriam autênticos e os segundos valores seriam uma cópia dos costumes civilizados da corte francesa, como complementa Denys Cuche, afirmando que “tudo o que é autêntico e que contribui para o enriquecimento intelectual e espiritual será considerado como vindo da cultura; ao contrário, o que é somente aparência brilhante, leviandade, refinamento superficial, pertence à civilização” (Cuche, 2002: 25).

A tomada de consciência alemã dá ênfase à antítese “cultura” e “civilização”, que se desloca de oposição social para oposição nacional, consolidada posteriormente por fatos como a convicção da alienação pelos laços existentes entre os costumes da corte alemã à vida da corte francesa, a vontade de reabilitar a língua alemã, e definir simbolicamente o que seria especificamente alemão.

O termo civilização perde sua conotação aristocrática alemã e passa a evocar a França e as potências ocidentais; já o termo cultura, marca da burguesia intelectual alemã no século XVIII, no século XIX é convertido em marca da nação alemã inteira, onde os traços característicos da classe intelectual, que manifestam sua cultura como sinceridade, profundidade e espiritualidade, vão ser considerados como especificamente alemães. Esta é a razão pela qual a noção de cultura vai tender cada vez mais, a partir do século XIX, para a delimitação e a consolidação das diferenças nacionais.

A idéia alemã de cultura no século XIX sob a influência do nacionalismo, se liga, sobretudo, ao conceito de nação, pois “cultura vem da alma, do gênio de um povo” (Idem:

28). A nação cultural precede a nação política, a cultura aparece como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação.

Podemos perceber que o conceito francês de cultura é marcado pela unidade do gênero humano. Trata-se da cultura no sentido coletivo mas, antes de tudo, da cultura da humanidade. Apesar do conceito alemão, a idéia de unidade excede a consciência da diversidade, ou seja, além da consciência de diversidade entre a cultura alemã e a cultura francesa, há a unidade da cultura humana.

Assim, Cuche afirma que “o debate franco – alemão do século XVII ao século XX é arquétipo das duas concepções de cultura, uma particularista, a outra universalista, que estão na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas” (Idem: 30).

1.2- Limites entre aculturação e cultura

Seria interessante, ao estudarmos a noção de cultura, entendermos o processo de aculturação, para melhor compreendermos os mecanismos da cultura. A partir das práticas de pesquisas desenvolvidas no decorrer dos dois últimos séculos, podemos perceber que os estudos voltados para as culturas chamadas “primitivas” ou “arcaicas” cultivaram a busca do aspecto original de cada cultura, como também a procura do caráter absolutamente original de cada cultura.

A mestiçagem aparece então como um fenômeno que altera a pureza original da cultura. Nesta perspectiva faz-se necessário uma compreensão do processo de aculturação sofrido pelos grupos sociais. O Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais dos Estados Unidos, com base no volume de dados empíricos, criou, num Memorando de 1936, um conceito segundo o qual “aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um

contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos culturais iniciais de um ou dos dois grupos” (Cuche, 2002: 115).

A aculturação, segundo o Memorando de 1936, deve ser distinguida da mudança cultural, pois esta expressão diz respeito a apenas um aspecto da aculturação. A assimilação não pode ser confundida com a aculturação, uma vez que a assimilação deve ser compreendida como a última fase da aculturação, que raramente é atingida, pois implica o desaparecimento total da cultura de origem de um grupo e a absorção completa da cultura do grupo dominante.

Seguindo uma oposição à idéia simplista e etnocêntrica de aculturação, a antropologia americana afirma que a aculturação não pode simplesmente significar a conversão a outra cultura. A transformação da cultura inicial se efetua por seleção de elementos culturais emprestados e essa seleção se faz por si mesma segundo a tendência profunda da cultura que recebe, pois a aculturação não provoca necessariamente o desaparecimento em função do que se recebe, nem a modificação de sua lógica interna pode permanecer dominante.

Segundo Cuche, como a teoria da aculturação nasceu de certas questões do culturalismo, é possível encontrarmos as mesmas limitações existentes no mesmo. Dentre as suas análises, concentra-se em certos traços culturais tomados isoladamente, esquecendo que uma cultura é um todo, um sistema, que é uma unidade organizada e estruturada, na qual todos os elementos são interdependentes, não se podendo selecionar um aspecto positivo de uma cultura para somá-lo a outro aspecto positivo de outra com o objetivo de se chegar a um sistema cultural melhor.

Com base nos estudos de Roger Bastide, Cuche afirma que este teórico parte da idéia de que o cultural não pode ser estudado independentemente do social. O limite do

culturalismo americano nos trabalhos sobre a aculturação é a ausência de relação do cultural com o social, daí decorrendo o risco, existente no culturalismo, de reduzir os fatos sociais a fatos culturais. Os fatos de aculturação formam um fenômeno social total, atingindo todos os níveis da realidade social e cultural (Idem: .127).

Bastide cria uma tipologia dos quadros sociais a partir de três critérios fundamentais (um geral, um cultural, e outro social) em que se efetua a aculturação através da definição de situações (p.129). O primeiro critério é a presença ou ausência de manipulações das realidades culturais, dentre as quais estão três situações explicadas a seguir.

A primeira é a situação de uma aculturação espontânea, natural e livre. “Trata-se de uma aculturação nem dirigida, nem controlada. A mudança decorre do simples jogo do contato e se faz, para cada uma das duas culturas presentes, segundo sua lógica interna própria” (p.129). A segunda situação é a organizada, mas forçada, em benefício de um só grupo, como nos casos da escravidão e da colonização. Existe uma vontade de mudar a cultura do dominado em um curto prazo e submetê-lo aos interesses dos dominantes. A terceira situação é a aculturação planejada, sistemática, que visa o longo prazo. O planejamento é feito a partir do conhecimento dos determinismos sociais e culturais.

O segundo critério, de ordem cultural, é a relativa homogeneidade e heterogeneidade das culturas presentes. O terceiro critério, de ordem social, se refere à abertura ou ao fechamento das sociedades de contato com relação às influências entre elas.

As pesquisas sobre o conceito de aculturação renovam a concepção sobre cultura. Parte-se agora da perspectiva de compreensão da aculturação para se entender a cultura, pois nenhuma cultura existe em seu estado puro. Assim, toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução, variando a importância de cada fase, segundo as situações.

Segundo Cuche, ao citar Amselle,

“não há descontinuidade entre as culturas que, pouco a pouco, estão em comunicação umas com as outras, ao menos no interior de um mesmo dado social. As culturas particulares não são totalmente estranhas umas às outras, mesmo quando elas acentuam suas diferenças para melhor se afirmarem ou distinguirem. Esta constatação deve levar o pesquisador a adotar um procedimento continuísta que privilegie a dimensão racional, interna e externa, dos sistemas culturais em contato” (Amselle apud Cuche, 2000:142)

Para Canclíni as teorias do “contato cultural” vêm estudando, quase sempre, os contrastes entre os grupos apenas pelo que os diferencia,

“o problema reside no fato de que a maioria das situações de interculturalidade se configura, hoje, não só através das diferenças entre as culturas desenvolvidas separadamente, mas também pelas maneiras desiguais com que os grupos se apropriam de elementos de várias sociedades, combinando-os e transformando-os, ou seja, o objeto de estudo não deve ser apenas a diferença, mas também a hibridação” (1999: 155).

1.3- Culturas e hierarquias

Diante da discussão sobre cultura dominada e cultura dominante, podemos perceber que, na realidade, o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou subordinação uns com os outros, pois a cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante, assim como esta também sofre influência da cultura dominada, mesmo que em grau menor.

Neste tópicos sobre hierarquias sociais e culturais, iremos fazer um breve estudo sobre culturas: popular, de massa, de classe, dentre outras. A noção de cultura popular apresenta, desde sua origem semântica uma ambigüidade relativa aos dois termos utilizados. Do ponto de vista das Ciências Sociais, duas teses se tornam antagônicas. A primeira afirma que as culturas populares não possuem nenhuma dinâmica própria, elas seriam o reflexo das culturas dominantes que têm como referência. Por outro lado, a concepção marxista pretende ver as culturas populares como iguais ou superiores à cultura da classe dominante devido a sua autenticidade.

As culturas populares não são nem completamente dependentes, nem inteiramente autônomas, “elas apenas confirmam que toda cultura popular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados” (Cuche, 2002: 149). É o conjunto de maneiras de viver com a dominação, ou mais ainda, como modo de resistência sistêmica à dominação.

A noção de culturas de classe demonstra que os sistemas de valores, os modelos de comportamento e os princípios de educação variam sensivelmente de uma classe a outra, podendo estas diferenças culturais ser observadas nas práticas cotidianas mais comuns. Como ilustração, o autor mencionado utiliza o exemplo de Claude e Cristiane Grignon, que mostraram que às diversas classes sociais correspondem estilos de alimentação diferentes, apesar da aparente padronização do abastecimento dos supermercados.

Bourdieu utiliza o conceito “cultura” no seu sentido mais restrito e mais clássico, que remete às “obras culturais”, isto é, “aos produtos simbólicos socialmente valorizados ligados ao domínio das artes e das letras” (Idem: 170). Sendo assim, Bourdieu é considerado um dos principais representantes da Sociologia da Cultura, porque se dedica aos mecanismos sociais que originam a criação artística e aos meios diferentes de consumo da cultura, segundo os grupos sociais.

Em sua obra, o habitus é a caracterização de uma classe ou grupo social em relação a outros que não partilham das mesmas condições sociais; “ele funciona como materialização da memória coletiva que reproduz para os sucessores as aquisições dos precursores” (Idem: 172). Por ser profundamente interiorizado, não implica consciência dos indivíduos para ser eficaz, e justifica porque os membros de um mesmo clã agem frequentemente de maneira semelhante, sem terem necessidade de entrar em acordo para isso.

A noção de cultura de massa, a partir da década de 1960, aparece na discussão associada ao modo de produção cultural que obedece aos esquemas da produção industrial de massa. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa estimula a introdução mais rígida dos critérios de rendimento em tudo o que se refere à produção cultural, ou seja, a produção tende a suplantar a criação.

A maioria dos autores dedica suas análises à questão do consumo produzido pelas *mass media*. Nesta perspectiva supõe-se que as mídias provoquem alienação cultural, pois os indivíduos não teriam meios de escapar das influências das mensagens transmitidas. Esta noção, para Cuche, se mostra imprecisa porque a palavra massa remete ao conjunto da população, incluindo seu componente popular. Confunde-se também a cultura “para” as massas e a cultura “das” massas.

Ele afirma que, por mais padronizado que seja o produto de uma emissão, sua recepção não pode ser uniforme e depende muito das particularidades culturais de cada grupo, bem como da situação que cada grupo vive no momento da recepção.

1.4- Cultura juvenil

As Ciências Sociais vêm apontando a relevância de se estudar a juventude em um contexto mais geral, ou seja, enquanto cultura. Tendo como ponto inicial desta observação os anos 1950 e 1960, época efervescente da cultura de massa, podemos perceber que certos fenômenos sociais chamaram a atenção para a existência de uma cultura juvenil. Movimentos como o de contracultura e de subculturas marcaram época tanto na juventude internacional quanto na brasileira, se estendendo até as décadas de 1970 e 1980.

O movimento de contracultura (iniciado nos Estados Unidos e seguido pelos países da Europa e América Latina) caracterizado como um novo estilo de mobilização e contestação social bem diferente da prática da esquerda tradicional, firmava-se com força, surpreendendo o Sistema e transformando a juventude, enquanto grupo, num foco de contestação radical. Significam novas maneiras de pensar, novos modos de agir como mundo e com as pessoas, ou seja, um novo conjunto de valores e de significados, com suas próprias regras.

O termo contracultura, que foi criado e amplamente difundido pela mídia, referia-se a um movimento de contestação direta com relação à cultura oficial burguesa tradicional, defendida pelo sistema, pelo *establishment*. A existência de uma parecia significar a anulação da outra, processo no qual a juventude assume o papel principal na contestação contra uma forma de sociedade desacreditada, buscando um mundo alternativo aos hábitos consagrados de pensamento e comportamento da cultura dominante, característica das sociedades ocidentais.

O poder jovem entra em cena tanto pelo seu vigor, quanto pela capacidade de estabelecer alianças com grupos de contestação os mais diversos, como os hippies, os negros e os estudantes que poderiam vir a ser a nova esquerda. Estes focos de contestação

ultrapassavam o interior da família, atingindo também a escola, a universidade, a arte em geral, sobretudo a música (rock), o modo de vestir, as ruas, ou seja, todos os espaços e instituições onde o jovem estava presente.

Com relação ao aparecimento de subculturas nesse período, está associado, segundo Hall e Jefferson (1975), às principais configurações culturais, as culturas de classes, dos quais as subculturas são estruturas menores, mais localizadas e diferenciadas e fazem parte das culturas de classe, suas “culturas-mãe”. As subculturas são observadas a partir da cultura mãe e da cultura dominante, distinguindo o que é respeitável do que é delinqüente, do que é criminoso dentro da subcultura das classes trabalhadoras.

O desenvolvimento de uma identidade e de uma estrutura das subculturas, além desta estar definida pela idade e pela geração, caracteriza a “subcultura jovem”, que pode ser estudada a partir de certas atividades, de valores, do espaço territorial.

Segundo os autores citados, as subculturas jovens surgem apenas em momentos históricos particulares, tornam-se visíveis e posteriormente se enfraquecem e desaparecem. Com base nos estudos sobre grupos de jovens ingleses (Teddy Boys, Mods, Rockers ou Skinheads), onde se observam roupas peculiares, o estilo e o meio ambiente de convivência destes grupos, identificou-se que: primeiro, o termo “cultura jovem” não se limita apenas a explicar como os jovens consomem, ou como o mercado tenta incorporar os produtos produzidos pelas subculturas.

A respeito da temporalidade das subculturas, tais autores afirmam que os jovens, ao se tornarem adultos, podem abdicar de posturas anteriores. A postura “subcultural” não é exercida em todo tempo da vida cotidiana, mas sobretudo no lazer, podendo esta postura ser considerada como resistência aos problemas de sua classe social.

1.4.1- A crise juvenil

A adolescência, apresentada através de uma problemática cultural e política e recolocada em uma perspectiva histórica, articula-se sobre as noções de tendência/contratendência, uma reflexão sobre acontecimento e sobre a mudança social. O interesse heurístico destas duas noções, segundo Morin (1977), é remeter ao mesmo tempo à cronologia e à lógica do sistema. A cronologia circunstancial específica se inicia com a metamorfose da cultura de massa; a lógica do sistema questiona como associar a cultura adolescente (sistema) à evolução do sistema cultural global (ecossistema).

A subcultura juvenil é fundamentalmente ambivalente face à cultura de massas; por um lado, liga-se ao consumo estético, lúdico e gozo do individualismo da civilização burguesa (*intelligentsia*). Por outro lado, à negação de uma adesão ao mundo adulto, entendido como um mundo de tédio burocrático, de repetição, de mentira e de morte. Isso nos faz pensar como esta ambivalência se radicalizará e provocará uma marginalização e uma segregação de uma parte da cultura juvenil.

Mesmo os meios de comunicação continuando com as mesmas práticas, tendem a desviar sua antiga função, difundir o divertimento, o prazer e o lazer. A tomada de consciência crítica da cultura de massas reporá a discussão sobre seus conteúdos, sua função e seu modo de participação nesse processo.

A função paramilitante se liga, daqui por diante, ao novo tipo de participação, que é uma pretensão a “significar” a recusa da integração na sociedade de consumo; a marginalidade e a recusa do sistema não são apenas momentos perturbados e incertos da crise de adolescência que se resolverá, tende, ainda mais, a impor-se como uma ética e um modo de vida permanente até a maturidade. Vestir-se de modo diferente do convencional ou assistir a um concerto de rock significa uma tomada de posição política e existencial.

1.4.2- A cultura adolescente e a revolta juvenil.

Segundo Morin (1977), a adolescência seria uma fase em que o jovem humano, inicialmente desligado do universo da infância mas não ainda integrado ao universo do adulto, sofre indeterminações, biterminações e conflitos. O autor acrescenta que só pode haver adolescência onde o mecanismo de iniciação, transformando a criança em adulto, se deslocou ou decompôs-se, e se desenvolveu uma zona cultural e de vida que não está engajada, integrada na ordem social adulta.

Seria pertinente, em nosso estudo, observarmos os caracteres de indeterminação e determinação da adolescência-juventude. O primeiro é referente ao estado incerto da coexistência, da organização e da distância entre os universos infantil e o adulto. O segundo diz respeito ao que vem preencher a zona incerta, a cultura adolescente; a escolaridade prolongada e a condição de estudante. Então, podemos dizer que a cultura adolescente e a condição de estudante são pólos de desenvolvimento de uma classe de idade juvenil que intervém como ator histórico no seio da sociedade.

A juventude urbana vem apresentando diversas características no decorrer das décadas seguintes aos anos de 1940, entre elas o costume de participar de bandos fechados que ignoravam ou negavam o universo dos adultos. Eles nutriam-se da cultura de massa, sobretudo o cinema, e encontravam seus heróis em personagens negativos que, nos filmes de crime, tinham seus combates travados contra a sociedade.

Em meados da década de 1950, a cultura adolescente sofre influência não só dos filmes, mas também de outros meios de comunicação de massas, como o rádio e os jornais. A música (rock) contribui como meio não apenas de um domínio musical, mas de uma atitude de vida. Nos anos de 1960 surgem novos pólos de desenvolvimento da cultura juvenil: são os lugares de reunião, juntamente com os trajes usados. É exatamente aí que se

encontra o desejo de liberdade e de autenticidade, propagando-se uma segregação de uma autonomia cultural.

A cultura juvenil é ambivalente, pois ela participa da cultura de massas do conjunto da sociedade e, ao mesmo tempo, procura diferenciar-se dela. Ela está diretamente incluída na indústria cultural capitalista, que faz a juventude consumir produtos que a distingam dos adultos. Como também sofre a influência da dissidência e da revolta, ao mesmo tempo recusa a sociedade de consumo.

A cultura jovem é criada pela juventude, mas é produzida pelo sistema, de forma que um interfere diretamente no outro, ou seja, a criação modifica a produção e a produção modifica a criação. O desenvolvimento desta cultura está ligado a uma conquista de autonomia dos adolescentes com relação à família e à sociedade.

O caráter mais perturbador na cultura juvenil é sua propagação internacional em nações de regimes políticos diferentes e de desenvolvimento econômico desigual. Podemos observar isso através do movimento estudantil que, através de diversas manifestações no decorrer da década de 1960 marcou o potencial da juventude com relação a oposições, contestações, agitações revolucionárias de natureza política.

A internacionalização dos movimentos estudantis é surpreendida pela crise mundial generalizada que prolonga os processos globais iniciados nos anos 50, mas determinada pelas grandes e pequenas comunicações (meios de comunicação de massa e ligações militantes).

A cultura juvenil desempenha um papel segregador, trazendo modelos, temas e formas culturais comuns a um anseio de participação. Essa segregação favorece a integração na sociedade, assim como desintegra as normas oficiais da sociedade. A luta por

uma igualdade não significa sua inclusão na classe adulta, mas o reconhecimento de uma personalidade autônoma, diferente, que tem outra vida e vive de outros valores.

1.5- Cultura, identidade e diferença.

O termo identidade, nos últimos tempos, vem sendo associado ao conceito de cultura, no sentido em que as questões referentes à identidade remetem à questão cultural. A identidade aparece como prolongamento da exaltação da diferença que surgiu nos anos de 1970, levando tendências ideológicas muito diversas, e até opostas, a fazerem apologias da sociedade multicultural e da idéia de “cada um por si” para manter a identidade.

Uma noção não pode ser confundida com a outra, mesmo que tenham ligação. Assim,

“A cultura pode existir sem a consciência de identidade, ao passo que as estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura. A cultura depende em grande parte dos processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseadas em oposições simbólicas” (Cuche, 2002: 176).

A noção de identidade cultural encaminha, em princípio, à questão mais abrangente da identidade social. Esta não diz respeito unicamente aos indivíduos, uma vez que todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, que permite situá-lo no conjunto da sociedade. A identidade social simultaneamente inclui e exclui, ela identifica o grupo e o distingue dos outros grupos. Deste modo, a identidade cultural surge como uma modalidade de categorização da distinção nós e eles, com base na diferença cultural.

Na discussão da identidade cultural, a corrente objetivista trata em todos os casos da definição e da descrição da identidade a partir de certos critérios determinantes, considerados como objetivos, como a origem comum, seja a hereditariedade, a língua, a cultura, a religião, o vínculo com um território, etc. Sem estas características, segundo os objetivistas, não se pode pretender ter um grupo etno- cultural ou reivindicar uma identidade cultural.

Já os subjetivistas afirmam que a identidade cultural não pode ser atributiva, ou seja, não é uma identidade recebida definitivamente. Observá-la desta forma torna o fenômeno estático. Para eles, a identidade etno- cultural é uma vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau, onde o mais importante é a representação que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões. Para Cuche, esta abordagem tem o mérito de considerar o caráter variável da identidade, mesmo que tente enfatizar excessivamente seu aspecto efêmero.

Numa perspectiva semelhante, a política de identidade, ao concentrar-se em afirmar a identidade cultural das pessoas que pertencem a um determinado grupo marginalizado, torna esta identidade um fator importante na mobilização política. Esta última envolve tanto a celebração da singularidade cultural de um grupo, através de afirmações essencialistas, quanto a análise de sua opressão específica por afirmações não- essencialistas.

A primeira afirmação se refere à compreensão, através de características biologicamente dadas, da identidade (raça, gênero), como também pode basear-se em fatores históricos, que expressariam essências fixas e imutáveis com relação à identidade. Como exemplo, o papel da mulher enquanto mãe e a existência de uma cultura exclusiva das mulheres, associado à identidade da mulher como essencialmente maternal e pacífica.

A segunda afirmação, defendida por “novos movimentos sociais”, adota uma posição não- essencialista com relação à identidade, pois parte-se do princípio de que “as identidades são fluidas, que elas não são essências fixas. Elas não estão presas a diferenças que seriam permanentes e valeriam para todas as épocas” (Weeks apud Woodward, 2000: 35). As identidades são produzidas em momentos históricos particulares no tempo e estão fortemente baseadas na construção da diferença.

A concepção relacional situacional nos mostra que a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato. Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói no interior das trocas sociais. Não há identidade em si ou para si; ela existe sempre em relação a uma outra, pois a identidade e a alteridade estão legadas em uma relação dialética, onde a identificação acompanha a diferenciação.

A identificação funciona como afirmação ou imposição de identidade. Esta última é uma concessão, uma negociação “entre uma auto – identidade, definida por si mesmo, e uma hetero– identidade ou exo– identidade quando definida pelos outros”, como afirma Simon (Cuche, 2002: 184). Surge, então, uma identidade negativa, imposta pelos outros, que aparece como uma identidade vergonhosa e rejeitada em diferentes graus; ou uma identidade positiva, quando esta é aceita pelo grupo em que surge e pelos outros.

Podemos perceber que a identidade é marcada pela diferença, sendo a última sustentada pela exclusão. A identidade é marcada por meio de símbolos, como se verifica por exemplo, na existência de uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa. Segundo afirma Kathryn Woodward, “ assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social. A luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e conseqüências materiais” (Woodward, 2000: 10) em seu processo histórico, de modo que se

um grupo for simbolicamente marcado como oposto, isso terá efeitos reais, pois o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais.

Podemos ainda buscar entender identidade como estratégia. Neste sentido ela é vista como meio para se atingir um objetivo. Mas, como vimos anteriormente, os atores sociais não são totalmente livres para definir sua identidade segundo interesses materiais e simbólicos do momento. Estas estratégias devem necessariamente considerar a situação social, a relação de forças entre os grupos. Mesmo assim, não é possível os indivíduos manipularem a identidade, pois ela é resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou indivíduo afirma de si.

O conceito de estratégia poderia explicar as variações da identidade, chamadas de deslocamentos de identidade. A identidade, assim como a cultura, se constrói, se desconstrói e se reconstrói segundo as situações, e disso decorre que “ela está sem cessar em movimento; cada mudança social leva-a a se reformular de modo diferente” (Cuche, 2002: 198).

No estudo da identidade é possível percebermos entre as relações do “nós e eles” um estabelecimento de fronteiras social simbólica. O que cria esta separação é a vontade de se diferenciar e o uso de certos traços culturais como marcadores de uma identidade específica. Cuche aponta, com base em estudos de Barth, que participar de certa cultura não implica ter certa identidade particular. A identidade etno – cultural usa a cultura, mas raramente toda a cultura.

A etnicidade é o produto do processo de identificação e pode ser definida como organização social da diferença cultural. Para sua compreensão é importante estudar os mecanismos de interação que, utilizando a cultura de maneira estratégica e seletiva, mantêm ou questionam as fronteiras coletivas.

As relações entre grupos étnicos frequentemente são organizadas para manter a diferença cultural, e as fronteiras não são imutáveis, “elas são uma demarcação social suscetível de ser constantemente renovada pelas trocas, onde qualquer mudança na situação social, econômica ou política pode provocar deslocamento de fronteiras” (Idem:.201). Este estudo é pertinente para explicar as variações de identidade.

Outro ponto importante no estudo da identidade são as transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea. Com o colapso das velhas estruturas dos estados e das comunidades, surge o espaço para a transnacionalização da vida econômica e cultural.

Assim, a globalização envolve uma interação de fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos meios de produção e de consumo, produzindo identidades novas e globalizadas. Estas identidades são caracterizadas por jovens que usam determinada marca de tênis ou consomem produtos distribuídos mundialmente, como sanduíches, aparelhos de telefones celulares, estilos de roupas, etc, fazendo existir uma convergência de culturas e estilos de vida nas sociedades.

É interessante perceber que este acontecimento pode gerar diferentes formas de assimilação de identidades, como observado por Woodward:

“a globalização, entretanto, produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade” (Woodward, 2000: 21).

Diante de tantas maneiras de se observar a identidade, é necessário buscarmos um caminho que proporcione a nossa compreensão do tema. Partimos, assim, do que Laclau chamou de “deslocamento”, referindo-se ao fato de que “as sociedades modernas não têm qualquer núcleo ou centro determinado que produza identidades fixas, mas, em vez disso, uma pluralidade de centros” (Laclau apud Woodward: .29). Devido à não existência de uma única força determinante e totalizante, é possível identificar implicações positivas, pois este deslocamento indica que há muitos lugares distintos onde as novas identidades podem surgir e novos sujeitos se expressarem.

Os indivíduos convivem no interior de um grande número de diferentes instituições, o que Bourdieu chama de “campos sociais” (Woodward, 2000: .30), sejam eles a família, os grupos de colegas, as instituições educacionais, os grupos de trabalho ou partidos políticos ao quais exercem graus variados de escolhas e autonomia, tendo, cada um, um contexto material, um espaço e um lugar, e um conjunto de recursos simbólicos

Mesmo vendo-nos da mesma maneira, “sendo a ‘mesma pessoa’, em todos os nossos diferentes encontros e interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados em diferentes momentos e lugares, de acordo com os diferentes papéis sociais que estamos exercendo” (Hall apud Woodward, 2000: 30).

Podemos compreender que os diversos contextos sociais nos envolvem em significados sociais a eles peculiares. Diferentes identidades são vivenciadas em diferentes ocasiões, pois, mesmo nos sentindo “a mesma pessoa”, somos diferentemente colocados pelas expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma das situações, representando diante dos outros de formas diferenciadas em cada um dos contextos em que estamos atuando.

Este conceito de identidade de Hall (2002), que vamos utilizar como base em nosso estudo, caracteriza o indivíduo como “sujeito pós-moderno”.

“Ele é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada cotidianamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do ‘eu’ coerente” (Hall, 2002: 12-13)

É com base no que é a identidade deste “sujeito pós-moderno” que buscamos investigar que elementos, além daqueles incorporados pela família, são acrescentados à identidade social dos jovens a partir de sua participação em projetos sociais. Esta percepção nos possibilitará uma compreensão de como estes se vêem diante dos outros jovens e da sociedade como um todo.

É necessário, ainda, um estudo que nos mostre o contexto em que a juventude contemporânea veio se expressando no decorrer da segunda metade do século XX até os dias atuais. Isto é o que buscaremos fazer no próximo capítulo para, posteriormente, situarmos a localidade escolhida como campo de pesquisa, o bairro de Peixinhos (Olinda-PE), tendo como objeto de estudo os jovens participantes de dois projetos sociais (Lamento Negro e Gazela Negra) desta comunidade.

CAPÍTULO II

A CATEGORIA JUVENTUDE, DO SÉCULO XVIII AOS DIAS ATUAIS

É possível percebermos historicamente a dificuldade que as Ciências Sociais encontram para conceituar o termo juventude. Os esforços direcionados à definição de tal termo tornam-se mais complexos quando “juventude” pode se referir a aspectos biológicos como também a sociais, assim associando-se a um processo de maturidade biológica e maturidade social. Esta categoria ultrapassa estes aspectos quando tornada classificatória, cultural e histórica.

A juventude é uma categoria em ampla discussão por seu caráter de não homogeneidade, como afirma Letícia Reis (2000: 88) ao citar Regina Novaes (1998), segundo o qual

“ ‘nela se cruzam diversas outras inserções sociais como raça, gênero, etnia e moradia que influenciam diretamente na construção das diferentes juventudes’, mostrando que há juventudes de diversas e diferentes culturas juvenis. Estes fatores são determinantes para a compreensão da formação da identidade dos jovens contemporâneos” (Reis, 2000: 88).

Podemos complementar o conceito de juventude com as considerações de Helena W. Abramo (1992) que remete o conceito a uma faixa etária, um período da vida, no qual se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e se verifica uma série de mudanças psicológicas e sociais, ocasionado pela saída da infância num processo de entrada na vida

adulta. Esse tempo de duração e os conceitos de tal fenômeno podem variar ao longo do tempo e modificar-se de sociedade para sociedade.

2.1- A juventude enquanto categoria social nos séculos XVIII e XIX

Os estudos científicos referentes às idades infantil e juvenil, assim como os inícios de um empirismo sociológico, datam do século XVIII. O interesse se estendeu por várias disciplinas, dentre elas a Biologia, a Psicologia, a Filosofia, o que gerou conflito entre diversas correntes do espírito da época, fortificando o novo desejo de conhecimentos sem diluir seus antagonismos intrínsecos.

Segundo Flitner (1968: 38), estes conflitos se deram, principalmente, entre a epistemologia empírica da Filosofia sensualista inglesa, o Pietismo na corrente tradicional dos místicos e a Antropologia racionalista. A primeira se voltou para os fenômenos psíquicos, encontrando um campo infinito na observação e descrição de experiências psíquicas. Defendia a relevância do processo de preenchimento gradativo da psique vazia do recém-nascido passando pelo período infanto-juvenil.

A segunda, em sua doutrina da alma, não se satisfazendo com as impressões dos sentidos e com as observações exteriores, dirigiu sua atenção para a experiência da alma, para os diversos fenômenos da auto-análise e contato com Deus, como essa doutrina se expressa. Em sua pedagogia, ocupou-se de questões referentes à fé, à consciência do pecado e ao processo de autonomia volitiva, abrindo caminho para a psicologia individual da juventude.

A terceira, não aceitando as experiências sensuais nem as espirituais como decisivas, estabeleceu a autonomia da razão como elemento propriamente humano e observou, sobretudo, o seu desenvolvimento. As três correntes se encontram, atuando

conjuntamente e separadamente, na obra de Rousseau, *Émile*, na qual o autor possibilitou uma pesquisa especial da juventude, evidenciando a particularidade e o valor insubstituível de qualquer fase etária e de desenvolvimento.

“A partir de Rousseau, não só se torna necessário a revalorização do período infanto-juvenil na literatura romântica, no romance referente ao desenvolvimento e nas numerosas estórias educativas, mas também a abundância de literatura científica descritiva e observadora, característica do último terço do século XVIII” (Flitner, 1968.: 39).

De acordo com a perspectiva funcionalista, o estudo da juventude como categoria social é uma característica da sociedade moderna. Nas sociedades primitivas, a passagem do universo infantil para o universo adulto tem um caráter integrativo. Uma vez que esse processo é institucionalizado, os grupos etários têm suas funções definidas no sistema social e funcionam como ponto de encontro entre o sistema de personalidade de seus membros, articulando-os um com o outro.

Nas sociedades modernas, onde predominam critérios universalistas de distribuição de papéis e determinação de valores, a transição para a vida adulta torna-se ainda mais complexa. Fatores como a separação da família de outras instituições, a acentuada divisão do trabalho e especialização econômica, e o próprio aprofundamento das orientações universalistas, provocou o aumento da descontinuidade entre o período da infância e o mundo adulto.

No século XIX, período áureo da experiência moderna, o Estado assume sistematicamente múltiplas dimensões da proteção do indivíduo, entre elas, e principalmente, a educação. A escola se torna uma instituição definitivamente obrigatória e

universal, escapando à iniciativa aleatória e intermitente da sociedade civil, e a racionalidade moderna se torna também imperativo universal (Peralva, 1997).

A cristalização social infanto-juvenil é convergente; supõe uma mudança no âmbito familiar, primeiramente na família burguesa, uma vez que ocorre uma separação entre o espaço familiar e o mundo externo. A criança se torna objeto de atenção particular e alvo de um projeto educativo individualizado.

Este processo supõe também uma progressiva exclusão da criança do mundo do trabalho, onde o aprendizado, forma geral de iniciação ao trabalho, marcava o fim da infância e o início precoce da vida adulta. Com a difusão da escolarização, há, de certa forma, um retardamento na entrada da vida adulta.

No final do século XIX, se consolida o processo de escolarização das crianças das classes populares, contribuindo com uma lógica própria para a modulação social das faixas etárias. Nesse sentido, a definição da criança e da juventude, enquanto fases distintas da vida, torna-se não apenas uma construção cultural, mas uma categoria administrativa, vale ressaltar, uma categoria jurídica e institucional, ainda que abrigando fortes diferenças no seu interior (Peralva, 1997).

Ocorreu ainda uma segmentação dos espaços de elaboração das identidades e relações solidárias necessárias para essa transição, ao contrário do observado nas sociedades primitivas, que se apresentam menos institucionalizadas e com papéis também menos definidos. A juventude é vista, então, como um período de espera e preparação para a vida adulta.

2.2- A juventude e suas expressões no século XX.

As mais importantes séries de pesquisas sociológicas sobre juventude foram realizadas pela Escola de Chicago, entre as décadas de 1920 e 1930. Esses pesquisadores,

interessados pelos problemas decorrentes da desorganização social proveniente do crescimento das metrópoles, começaram a fazer associações entre desorganização social e violência, zona de transição e criminalidade, violência urbana e juventude.

A primeira teoria que caracterizou a Escola de Chicago, foi a da *Desorganização Social*, trabalhada por Thrasher (Zaluar, 1997), que, segundo ele, foi provocada pela imigração e migração para as zonas da cidade, onde se encontrava um alto índice de pobreza e decadência, no qual os costumes e os valores tradicionais se tornariam cada vez mais fracos, abrindo caminho para a crise da moralidade, dos laços de família e de vizinhança, favorecendo atividades criminosas.

A associação entre crise e desorganização social foi objeto de fortes críticas devido ao seu caráter funcionalista, pois apresentava a idéia de ordem consensual e uma forma homogênea de organização social.

Nos anos de 1950 a juventude, enquanto problema social, era pensada através de uma observação generalizada da transgressão e da delinqüência associada como questões inerentes à juventude, sendo enfatizado este período como uma fase turbulenta da vida.

Na década de 1960 surge a Teoria da Frustração. Para Merton, a frustração seria provocada pela desigualdade no acesso às oportunidades de ascensão social, em desacordo com os fins e valores partilhados por todos os americanos (Zaluar, 1997). De acordo com essa teoria, haveria uma separação entre as aspirações dos cidadãos norte-americanos que poderiam adquirir riquezas e ascender socialmente e as oportunidades reais oferecidas aos jovens pobres (também a segunda geração de imigrantes) que tivessem incorporado esses valores da sociedade americana.

A terceira corrente que, por sua vez, criticava as teorias anteriores, tem como seu objeto de estudo o processo de rotulação dos jovens que moravam em guetos e bairros

pobres. Segundo Matza, esta corrente focaliza principalmente as práticas policiais, judiciais e governamentais que classificava jovens de etnias inferiorizadas ou camadas pobres como “delinquentes”, mesmo que fossem apenas indivíduos com características típicas de sua idade (Zaluar, 1997).

A Teoria do Rótulo afirma, principalmente, que as organizações juvenis não existem isoladamente da sociedade, elas proliferam ou decaem e desaparecem num contexto institucional que tece uma trama de interações simbólicas, entre os jovens pertencentes a essas organizações e os representantes da ordem da lei.

Essas teorias sofreram críticas principalmente por sua perspectiva positivista, pois transformavam as pessoas em objeto e seu comportamento em fatalidade. Elas não possibilitavam o entendimento das pessoas enquanto sujeitos que participavam de forma ativa nas suas ações e escolhas. A partir dessas críticas, resultou um olhar sobre a criação, como sujeitos ativos, de práticas “desviantes”, “delinquentes” ou “criminosas” que estariam articuladas com as práticas, formas de organização e valores da sociedade mais ampla onde organizações juvenis, criminosas ou não, aparecem (Zaluar, 1997).

Da década de 1960 até meados de 1970 o problema apareceu como sendo de toda uma geração de jovens, ameaçando a ordem social, nos planos político, cultural e moral, por uma atitude crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformação – movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação, movimentos pacifistas, proposições da contracultura, movimento hippie (Abramo, 1997).

A Sociologia da Juventude apresenta uma preocupação básica no que se refere à ruptura partindo da noção de crise. Ela é, justamente, a relação reservada ao problema da continuidade e da mudança social, pois esta tem fundamento no resultado do processo de

transição (essência na temática da integração, desvio ou rebeldia dos grupos juvenis) seja no questionamento e na busca de inovação social, ou em conflitos geracionais e movimentos juvenis. Para Marialice Foracchi, a formação de novos agentes sociais representa assim, sob o ponto de vista da preservação e transmissão do patrimônio cultural, uma garantia de continuidade e de renovação (1972).

2.3- A Juventude como agente de mudança social

Dentre os estudos sobre a juventude que foram desenvolvidos no Brasil, alguns temas foram estudados durante as décadas de 1960 e 1970. Estes se referiam, em sua maioria, a análises sobre os estudantes, principalmente os universitários.

No início da década de 1960, houve um aumento da demanda de jovens de classe média por ensino superior no país, devido tanto ao desejo da “nova classe média” de garantir o acesso ao novo setor burocrático das empresas privadas e estatais, quanto ao atendimento dessa demanda de ensino superior pelo Estado populista que removeu as barreiras ao acesso às universidades públicas e gratuitas aumentando o número de vagas nas mesmas.

Esse aumento de vagas se deu através da federalização do sistema universitário, começando no final dos anos de 1950, através da junção de estabelecimentos isolados, particulares, municipais e estaduais, criando grandes centros universitários que começaram a ter papel importante na vida intelectual, cultural e política do país. (Mische, 1997).

Com a passagem do círculo restrito das antigas instituições menores para as redes mais complexas da universidade, os jovens fortaleceram uma identidade estudantil com novas e autônomas significações. A desilusão com as condições inadequadas do ensino nas universidades, que não foram equipadas de forma que atendessem ao grande fluxo de jovens

de classe média, contribuiu para que muitos estudantes se juntassem às discussões e manifestações pela reforma universitária, no início da década de 1960.

Para muitos estudiosos, este foi um ponto de partida para uma postura crítica e um engajamento maior da juventude da época. As universidades se tornaram os principais centros de intercâmbio intelectual, cultural e político (Mische, 1997).

Os estudos sobre jovens tinham os universitários como figura central não só pelo significado social que a sua formação proporcionava, mas, sobretudo, pelo fato de terem sido os jovens de classe média, secundaristas e universitários, sujeitos ativos nas mobilizações sociais que marcaram aquele período, no qual lutavam contra o regime autoritário através da mobilização de entidades estudantis e do engajamento em partidos de esquerda, como também através de movimentos culturais que questionavam os padrões de comportamento (sexuais, morais, da relação com a propriedade e com o consumo).

Os jovens que não faziam parte da classe média, que pertenciam a setores de baixa renda (principalmente no meio rural), eram vistos como “marginalizados”, fora do contexto social e, por conseqüência, excluídos da própria condição juvenil.

A juventude brasileira aparece nos estudos sociológicos como sujeito em busca de mobilização e de mudança social. A preocupação está em analisar suas potencialidades através de relações como *integração e marginalidade e radicalismo e alienação*. A primeira esta relacionada com a possibilidade de acesso dos diferentes grupos juvenis aos meios de incorporação social. A segunda, como meio de interpretação do sentido da atuação dos grupos juvenis.

Os estudos latino-americanos estiveram direcionados fundamentalmente aos movimentos estudantis, questionando sua capacidade de atuação como sujeito político, de

fazer alianças e se articular com outros movimentos sociais, provocando reais modificações na sociedade.

A Sociologia da Juventude no Brasil, nos anos de 1960 e 1970, buscava avaliar a legitimidade desse sujeito social em contraposição à ordem vigente e suas propostas e projetos de transformação. É nesse sentido que se destacam três estudos sobre a juventude brasileira até os anos de 1980, como veremos a seguir..

Otávio Ianni publica, em 1968, *Jovens Radicais*. Este estudo tem como base a compreensão da atuação política radical da juventude nos países capitalistas e, principalmente, nos que se encontram em desenvolvimento, inclusive o Brasil.

Marialice Foracchi, em *Juventude na sociedade moderna* (1972), analisa a questão do movimento estudantil brasileiro nos anos de 1960, no interior de uma discussão mais abrangente sobre a condição e as distintas formas de contestação juvenil, porque este é visto como a “forma predominante” assumida pela “rebelião juvenil” na sociedade moderna (Abramo, 1992: 25).

Em *Geração AI5*, de Luciano Martins (1979), existe uma preocupação semelhante, pois se busca analisar comportamentos específicos (constituídos pelo culto da droga, a desarticulação do discurso e o modismo psicanalítico) que seriam características dos jovens intelectualizados e da alta classe média carioca, no período de 1968 e 1975. O autor procura mostrar que esses comportamentos são vistos pelos jovens como uma proposição de *contracultura*, como uma negação da cultura autoritária sustentada pela ditadura.

Assim, é possível perceber que o interesse da Sociologia, ao estudar a juventude, foi, na verdade, definir o papel da juventude enquanto agente político, saber sobre sua capacidade de desenvolver uma postura política e transformadora da ordem vigente.

2.4- A marca da força cultural da juventude

Como pudemos perceber, os Estudos Culturais vêm contribuindo para a compreensão o universo juvenil ao longo das observações reservadas aos estudos da juventude mundial. A atribuição feita à atitude cultural juvenil a uma forma de ação política, a partir do período pós II Guerra, propiciou uma compreensão do surgimentos de vários grupos como estudantes, hippies, Darks, Punks, etc.

Os dois primeiros, devido à descrença na forma cultural tradicional de um sistema estabelecido. Os outros, pela decadência da classe trabalhadora e da indústria na Inglaterra. Seus protestos partiram de novos modos de agir e de vestir como meios de resistência à sociedade e aos modos dominantes vigentes, e como proposição de diferentes soluções aos problemas de sua classe social.

Em geral, os jovens observados eram estudantes, principalmente os universitários, por terem sido, até a década de 1970, sujeitos ativos nas mobilizações sociais que marcaram aquele período.

No início da década de 1980, no Brasil, a conjuntura econômica, política e social, marcada pela transição da ditadura para um estado de direito, relaciona-se com a acentuação das questões que haviam surgido, desde a década de 1960, numa dimensão internacional, característica da pós-modernidade, sendo essas a intensificação da mídia e do consumo; a crise econômica geral, a crise de valores e dos modelos políticos e de utopias.

Com a crise da esquerda, o fim da ditadura como fator unificador e a abertura de espaços alternativos de participação política, o movimento estudantil perde seu monopólio na mobilização juvenil. A diversificação da experiência da juventude, especialmente com a extensão da “cultura jovem” para jovens trabalhadores e das periferias, é confirmada por

estudos recentes sobre jovens brasileiros durante a modernização conservadora dos anos 80 (Mische, 1997).

A nova configuração juvenil é marcada pela crise do espaço universitário e sua significação de referências culturais; a noção de cultura alternativa não serve mais como contraposição ao sistema, e a indústria cultural assume um papel relevante na vida da juventude, como forma de expressão de sua auto-afirmação (Abramo, 1994).

Neste período, a Pastoral da Juventude da Igreja Católica começou a se destacar, focalizando os anseios e esperanças das camadas mais populares, e formando quadros importantes de lideranças comunitárias e partidárias. Porém, na década seguinte, aparece em crise de realização e distanciada da população jovem mais ampla (Mische, 1997).

Nos anos de 1980, a juventude é evidenciada principalmente com relação à formação de tribos (bandos, estilos, subculturas e culturas) ligadas a determinados estilos musicais e modos de aparecimento. Segundo Abramo (1994: 43), estes grupos são numerosos e diversificados e têm uma surpreendente amplitude internacional.

O aparecimento do *punk* na Inglaterra, entre 1976 e 1977, se configura como uma nova subcultura juvenil que se articula ao mesmo tempo em torno de uma reversão musical dentro do rock, e de um modo de vestir inusitado e extremamente “anormal” (Idem: 43).

“Estes grupos têm como fundamentação atitudes de rejeição de aparatos grandiosos e de conhecimento acumulado, em troca da utilização da miséria e aspereza como elementos básicos de criação. O uso de dissonância e da estranheza para causar choque, o rompimento com os parâmetros de beleza e virtuosismo, a valorização do caos, a cacofonia de referências e signos para produzir confusão a intenção de provar, de produzir interferências perturbadoras da ordem. Uma postura anarquizante” (Yonet apud Abramo, 1994: 44).

A música punk surge como uma forma de protesto ao rock progressivo dos anos de 1970, principalmente no que se refere ao grande esquema empresarial que gerava muito dinheiro. Representa a busca de uma música simples e rudimentar, que dispensa grandes aparatos e virtuosidades, que qualquer pessoa interessada pode fazer. Assim, o punk aparece como uma música ágil ligada às experiências dos jovens no cotidiano da rua. Juntamente com a proposta musical surge uma estética baseada nos mesmos princípios, através da utilização de materiais rudimentares, desvalorizados e provenientes do lixo urbano e industrial.

Os jovens punks, em sua maioria membros das classes trabalhadoras dos subúrbios, viviam uma situação de desesperança vinculada à crise econômica e aos índices de desemprego. Sem dinheiro, sem ocupação, e excluídos socialmente, esses jovens buscam alternativas de diversão através da criação de atitudes provocantes e desafiadoras que enfatizem a desordem, sobretudo, comportamental.

Abramo (1994), quando cita Bivar (1982), mostra que o movimento punk “transforma-se em um ‘movimento de revolta adolescente’, de uma ‘geração que insatisfeita com tudo, invoca o espírito de mudança’, aparecendo como crítica e um ataque frontal a uma sociedade exploradora, estagnada e estagnante em seus vícios”.

Neste sentido podemos perceber que, buscando romper principalmente com a estagnação e deflagração dos acontecimentos, o movimento punk atua como desencadeador de uma guinada no cenário cultural e comportamental da juventude dos anos de 1980 com o surgimento de novas bandas explorando caminhos alternativos e proporcionando novas tendências musicais.

A partir da efervescência do punk, ocorreu o surgimento de novas tribos e o revigoramento de outras todas elas tendo como característica de suas atividades e da elaboração de suas identidades, a música, como também a construção de estilos de expressão, seja no modo de vestir, na postura do corpo ou/e gesticulação, sinalizadores de sua localização e visão de mundo.

2.5- A juventude no final do século:

Nos anos de 1990 essas tribos se afirmam e proliferam no cenário social, mantendo-se como espaços de sociabilidade e elaboração de uma identidade relativa à condição juvenil. Esta condição juvenil, em muitos centros urbanos, está associada a uma série de fatores que favorecem a exclusão social que, segundo Silva (Novaes, 1997), traduz-se no processo social que nega o outro enquanto sujeito de direitos, não o reconhecendo como semelhante. Este fenômeno tem implicações comprometedoras, porque fomenta a discriminação o estigma e o desvinculamento societário do excluído.

Nos grandes centros urbanos brasileiros, fatores econômicos e sociais como o aumento do desemprego e da pobreza e a fome, favoreceram o crescimento da criminalidade, o aumento do tráfico e do consumo de drogas. Para Zaluar (1997:41), a explosão da violência intraclasse e intra-segmento não se podem explicar apenas pelo econômico. Ela afirma que a fragmentação das organizações vicinais e familiares facilitou o domínio dos grupos de traficantes no poder local, o que, por sua vez, aprofundou a ruptura dos laços sociais dentro da família e entre as famílias na vizinhança, acentuando o isolamento, a atomização, e sobretudo, a individualização.

Além desses fatores econômicos e sociais, entre as décadas de 1970 e 1980, houve uma série de modificações que estenderam a identidade juvenil para uma parcela maior da

sociedade, destacando-se o rejuvenescimento do mercado de trabalho, o aumento da oportunidade de estudos, a penetração dos meios de comunicação de massa e a difusão do sistema de crédito, facilitando o consumo entre os jovens das classes populares. (Mische, 1997).

Os jovens passam seus anos de formação em redes mais dispersas em relação às das décadas de 1960: nas escolas públicas e particulares, nos lugares de trabalho, nos “shopping centers”, nos clubes noturnos, nas ruas e em outros espaços de lazer, cultura e sociabilidade. Ser jovem não se limita apenas à categoria de estudantes, a identidade juvenil se desloca para fora das universidades, alcançando setores mais abrangentes e diretamente ligados ao consumo e aos estilos culturais.

Os jovens dos anos de 1990, aparentemente, apresentam um desinteresse com relação às questões políticas, o movimento estudantil não sendo mais organizado como em épocas áureas. Para Mische, isso não significa que os jovens fossem acrílicos ou apáticos ao contexto político social dos anos de 1990. Ela aponta “a falta de espaços centralizadores ou de identidades públicas unificadoras, capazes de transformar suas críticas sociais – muitas vezes agudas- em ação coletiva” (1997:144).

Um fato relevante nesse período, que despertou uma série de questionamentos com relação ao engajamento político da juventude, foi a participação dos jovens nas passeatas do *impeachment* do então Presidente Fernando Collor de Mello. Este acontecimento foi amplamente divulgado pela mídia e proporcionou diversas interpretações sobre a identidade da juventude nos anos de 1990.

Estas interpretações apresentavam sempre uma referência nostálgica à mobilização política- estudantil dos anos de 1960. Mische afirma que há uma distinção significativa entre os estudantes das décadas de 1960 e 1990: enquanto a primeira teve mobilizações

conduzidas num campo político polarizado entre o Estado militar e a oposição estudantil, os caras pintadas tiveram o privilégio de participar de uma ampla mobilização da sociedade civil e política contra o governo Collor.

Ela afirma que “nesse clima, a participação entusiasmada dos jovens nas passeatas do *impeachment* ... não pode ser chamada de independente ou espontânea, pois eles receberam amplas formas de apoio oficial e não-oficial” (1997: 136) e ainda complementa que “os jovens estavam participando não como radicais ou conservadores, socialistas ou liberais, membros de grupos políticos ou estudantes, mas como ‘cidadãos-em-formação’, tentando resgatar a ‘democracia-em-formação’ da herança da corrupção e impunidade pública” (Idem: 136).

Na sua opinião, “não se pode dizer que as passeatas causaram o *impeachment* de Collor, embora certamente contribuíssem nessa direção. Porém, elas ajudaram a provocar um momento dramático de diálogo social, no qual os discursos e repertórios da cultura cívica podiam ser reformulados” (Idem: 148)

A identidade juvenil dos anos de 1990 aparece delineada pela difícil tarefa de esboçar as manifestações assumidas por esta nova “consciência de cidadania”. Isso torna importante investigar a existência de novas maneiras de articular projetos pessoais e coletivos, talvez sem a utopia das décadas passadas, mostrando, assim, outras formas de unir as preocupações e aspirações pessoais com visões mais amplas da sociedade e seus problemas.

O crescimento da crise econômica propiciou a entrada da juventude no mercado de trabalho, apoiada pelo processo de inserção juvenil no mundo do consumo, de imagens e símbolos. As esferas da socialização advinda do mundo do trabalho precoce podem influenciar na condição do jovem e interferir na dinâmica familiar e no padrão de interação

que o mantém no mundo escolar. Esta condição juvenil emerge como uma fase centrada na reivindicação de prazer e independência.

Mesmo com esta diversificação das redes de sociabilidade, os jovens vêm sofrendo influências e pressões diversas, sejam elas as oportunidades dispensadas neste período, ou as mazelas sociais associadas à violência. Durante a década de 1990, foi possível perceber o aumento da violência urbana, principalmente na periferia dos centros urbanos, o crescente envolvimento da juventude em galeras, quadrilhas de assaltantes ou quadrilhas de tráfico de drogas. Estas ligações são fruto tanto da necessidade imediata de adquirir dinheiro, quanto do desejo de ter status e ser respeitado dentro e fora das comunidades em que vivem.

Partindo desses fatores, entre a década de 1990 e o início do ano 2000, foi possível identificar diferentes formas de organizações sociais no Brasil, provenientes da grande exclusão social. Vários grupos surgiram dentro de comunidades da periferia dos centros urbanos, com o interesse de buscar formas de melhorar a vida, tanto individual quanto coletiva das pessoas que moram nessas regiões.

Numa cidade como Recife, que apresenta os mesmos problemas sociais de outros centros urbanos brasileiros, vários projetos sociais são realizados com jovens dessas localidades¹, com a perspectiva de realizar trabalhos de incentivo à prática da cidadania.

É com base nessa realidade que esses projetos sociais procuram centrar suas ações, buscando criar alternativas para que esses jovens possam superar dificuldades. Atuam nas áreas de educação e profissionalização, enfatizando a arte-educação e a cultura como eixos metodológicos para formação desses jovens. Nesse sentido, cabe buscar identificar, em

¹ Como exemplo a ONG Instituto Vida, que trabalha com adolescentes da Zona Norte do Recife, com projetos voltados à valorização da auto-estima e cidadania através de trabalhos com o Hip Hop. Outro exemplo é Movimento Pró-Criança, ONG que trabalha com crianças e adolescentes moradores de bairros carentes do Recife, o seu trabalho desenvolve oficinas de artes e de temas relacionados à cultura regional.

nossa pesquisa, como estes jovens vêm atuando dentro desses projetos e como percebem a sua identidade social.

A cultura apresenta-se como forma de estimular o autoconhecimento, o relacionamento com a sociedade e seus valores. O estímulo do potencial criativo é meio para despertar nos jovens a autoconfiança e a capacidade de viver e contribuir para a vida social. É importante observar a valorização da cultura local/regional nos trabalhos que são realizados como meios que proporcionam elementos identitários aos jovens participantes do projeto.

Entre os jovens que participam destes grupos culturais organizados, podemos perceber uma complexidade com relação às novas formas de participação política e social. Os jovens interessados podem escolher as formas alternativas de participação, dentre elas a militância política nos partidos, os movimentos populares, sindicais e antidiscriminatórios, ONGs e associações profissionalizantes, uma vez identificado que a estrutura da sociedade sofreu modificações contextuais, não sendo mais centralizadora e proporcionando ao indivíduo a atuação em diversas esferas sociais.

Assim, podemos perceber que a cultura pode ser uma forma de ser e fazer política em si mesma, a partir da afirmação da identidade das populações excluídas através da criação artística, da roupa, da dança e das mensagens transmitidas, no nível das representações de si mesmo e dos outros que trazem visibilidade e auto-afirmação para os jovens.

CAPÍTULO III

CULTURA E JUVENTUDE EM PEIXINHOS

De acordo com o que viemos estudando até o dado momento, percebemos que a juventude tem papel relevante no que diz respeito à cultura, sobretudo, na sua reconhecida ação contestatória à cultura oficial imposta pelo sistema. A Sociologia, a partir da segunda metade do século XX, vem atribuindo a atitude cultural juvenil à uma forma de ação política, o que proporcionou a compreensão de vários grupos juvenis (estudantes, hippies, darks, punks, etc) que propunham ações e expressões alternativas à ordem cultural vigente marcadas por movimentos como o de contracultura e subcultura.

No decorrer dos anos de 1990 e início de 2000, podemos identificar o surgimento de novas formas de mobilizações sociais, dentre elas de grupos voltados para trabalhos que envolvem crianças e adolescentes das periferias dos centros urbanos brasileiros. Estes projetos apresentam as mais diversas propostas, as quais têm, através da valorização do esporte e lazer, arte e cultura, educação e profissionalização, o objetivo de despertar a consciência de cidadania das crianças e jovens participantes, propondo uma alternativa que ultrapasse a sua vulnerabilidade à criminalidade e à violência urbana, estimulando novas perspectivas de futuro.

Na Região Metropolitana de Recife é possível identificar um grande número destes projetos, principalmente em bairros da periferia². Em nosso trabalho, destacamos o bairro

² Como periferia, não nos referimos apenas às áreas que geograficamente estão localizadas distantes dos centros urbanos, mas também às áreas socialmente pouco desenvolvidas. Em geral são habitadas por pessoas de baixa renda, apresentam falta de ordenação na distribuição dos espaços e poucas intervenções urbanísticas, sobretudo, no que diz respeito à ausência dos serviços públicos (saneamento e pavimentação) e equipamentos

chamado Peixinhos que, além de apresentar as características citadas (geográfica, econômica e urbanística), nos últimos anos se distingue de outros bairros devido à diversidade de grupos que utilizam expressões juvenis urbanas, contribuindo com uma presente e forte efervescência cultural no bairro, tendo estas linguagens fortalecidas por expressões artísticas como dança, teatro, literatura, artes plásticas e música (hip hop, música afro, rock, pagode, etc.).

Neste capítulo, temos o intuito de conhecer a história do bairro de Peixinhos, o campo de pesquisa escolhido, e a emergência de grupos culturais no bairro, assim como a vivência dos jovens moradores da localidade, dentro desses projetos e sua relação com a forte atividade cultural presente. E por fim, a apresentação dos grupos culturais escolhidos para a investigação (Lamento Negro e o Gazela Negra), cujos jovens deles participantes serão nosso objeto de estudo.

3.1- O Bairro e sua história.

Peixinhos, bairro situado na Região Metropolitana de Recife, é divisa entre Recife e Olinda, sendo sua maior parcela parte do Município de Olinda. Segundo dados do Censo de 2000 do IBGE sobre a população residente, o bairro tem 40.428 habitantes, dentre os quais 4.213 habitantes moram no lado pertencente a Recife.

O segundo maior bairro de Olinda tem à frente o Bairro de Rio Doce e é seguido pelo Bairro de Jardim Atlântico³. Dentre a população residente em Peixinhos, 8.042 moradores têm idades entre 15 e 24 anos. Este número equivale a 19.8% da população, o

sociais, como escolas, posto de saúde, praças, etc. É muito comum, no Brasil, ter bairros periféricos nos centros das cidades, como por exemplo as comunidades do Coque e dos Coelho em Recife- PE.

³ O primeiro tem 44.176 habitantes e Jardim Atlântico tem 35.381 habitantes. Olinda apresenta um total de 367.902 habitantes . Fonte: Censo Demográfico de 2000 - População residente, por grupos de idade, segundo as Mesorregiões, as Microrregiões, os Municípios, os Distritos, os Subdistritos, os Bairros e a situação do domicílio - Pernambuco

que corresponde, aproximadamente, um quinto da população residente em Peixinhos formada por adolescentes e jovens, sendo portanto, grande a concentração de moradores nesta faixa etária. Este dado é relevante para nossa investigação, pois é o intervalo atribuído para a idade no momento da escolha do perfil dos entrevistados.

O nome do bairro foi dado devido à existência de um rio que cortava as duas cidades (Recife e Olinda); ninguém sabia o seu nome e nele existiam muitos “peixinhos”, daí o nome da comunidade. Hoje, sabemos que se trata do Rio Beberibe. Este rio foi muito importante para a comunidade, pois na época ele ainda não tinha sido atingido pela poluição, servia como fonte de subsistência e de lazer.

Muitas pessoas vinham de outras localidades para pescarem estes “peixinhos”, o que proporcionava tanto a comercialização destes peixes como a alimentação diária das famílias dos pescadores. Havia ainda, lavadeiras de roupas que utilizavam o rio para realizar suas atividades, além do banho no rio, que trazia pro local pessoas de todas as idades, na maioria das vezes crianças.

O Rio dos Peixinhos tinha águas cristalinas, que beneficiavam a população, até chegar ao Matadouro. Quando passava por trás do Matadouro, recebia o sangue do gado morto, o que tornou sua utilização imprópria a partir de então. Hoje, o rio se encontra poluído e isto se iniciou, segundo Zuleide de Paula, principalmente a partir da década de 1970, com o surgimento de uma fábrica de papel no Bairro de Dois Unidos, e com o crescimento desordenado da comunidade devido às ocupações e ‘favelas’.

O bairro tem uma história peculiar, se comparado com outras comunidades da Região Metropolitana de Recife. Esta história é marcada pelo surgimento de grandes empresas no local, tornando o bairro, até a década de 1970, uma grande fonte de emprego e de renda no Estado.

A primeira e grande empresa foi o Matadouro Industrial Municipal, mais conhecido como Matadouro de Peixinhos. Sua construção foi iniciada em 1874, a conclusão e inauguração da obra aconteceram 45 anos depois, em 1919. O material utilizado na construção foi importado, e a obra refletiu a época de construções em estilo europeu (Paula, 2000).

Mesmo antes da inauguração, a empresa já funciona. O Matadouro cresceu e, junto com ele, o bairro de Peixinhos. A oferta de emprego favoreceu um crescimento acelerado da população no local, ocasionado pela migração de pessoas e famílias inteiras que vinham de outras cidades de Pernambuco e de outros Estados, em busca de trabalho. No Matadouro trabalhavam homens, mulheres, jovens e crianças. O seu período áureo foi durante a II Guerra Mundial, quando exportava muita carne de gado bovino, caprino e suíno.

Paralelamente ao Matadouro, outro importante empreendimento no bairro de Peixinhos foi o Curtume Santa Maria, que comprava todo o couro que sobrava do abate do gado no Matadouro. O curtume teve sua inauguração um ano antes da do Matadouro, em 1918 (idem).

No ano de 1957, foi inaugurada a Fosforita Olinda S/A, outra importante empresa no bairro de Peixinhos. Este evento ficou registrado na história do bairro devido à participação do então Presidente da República, Juscelino Kubitschek. Com o surgimento desta nova empreitada, “o progresso chegava em Peixinhos” e o bairro ficou conhecido nacional e internacionalmente como uma das maiores fontes de fostato do mundo (idem.).

A empresa cresce, mesmo com a morte de seu proprietário, o senhor Antônio da Costa Azevedo, mas, na década de 1960, começa a perder seu ritmo de produção, demitindo os funcionários e aterrando seus poços até finalizar suas atividades.

Em 1970, o Matadouro fecha e, com ele, o curtume também encerra suas atividades, gerando assim um alto nível de desemprego no bairro, uma vez que a maioria dos trabalhadores residia na localidade. De acordo com Paula, com o desemprego, a miséria e a fome começam a ficar mais evidentes, juntamente com o vício e a marginalidade.

Mesmo com todo este desenvolvimento, Peixinhos cresce sem receber atenção do poder público, principalmente no que diz respeito a uma distribuição ordenada dos espaços dentro da comunidade. Torna-se um lugar populoso, devido à grande oferta de empregos, mas sem estrutura adequada para comportar tanta gente. Faltam escolas, postos de saúde, espaços de lazer como praças, saneamento, pavimentação e habitação. Esta, inclusive, é uma característica geral dos bairros localizados nas periferias dos centros urbanos brasileiros.

Na próxima seção observaremos como a população de Peixinhos desperta, no decorrer do tempo, um senso de coletividade em busca de melhorias das condições de vida no bairro, adquirindo, com o dia-dia, um potencial de organização comunitária que o distingue de outras localidades que têm o mesmo nível de exclusão social e econômica.

3.2- Peixinhos, as mobilizações e a cultura.

A comunidade de Peixinhos tem, ao longo de sua formação, uma ligação muito forte com as questões culturais. Em toda sua história esteve presente um grau de mobilização da população em defesa de suas reivindicações, sendo esta, capacidade de organização entre os moradores, nas ações coletivas, a característica principal da identidade social deste povo, como veremos a seguir.

Paula, ao falar da vinda das pessoas em busca de emprego informa: “chegava gente de todas as cidades do interior e de outros Estados, formando uma nova população e uma

nova cultura” (idem: 25). Isso significa dizer que, com o crescimento rápido que Peixinhos sofreu, as pessoas foram se organizando dentro da comunidade, buscando resgatar tradições culturais referentes aos seus lugares de origem, como também melhorar as condições de vida dentro do próprio bairro⁴, independente da falta de atenção por parte do poder público.

A mobilização social em Peixinhos ganhou força cada vez mais. Em 1965, foi criada a Associação Atlética dos Peixinhos, que tinha um time de futebol e promovia noites dançantes todas as sextas-feiras. Daí em diante vários grupos culturais e sociais foram emergindo, interferindo no cotidiano da comunidade, como o grupo de teatro Ítalo-Norte, grupos musicais, a Associação de Moradores da Vila da COHAB dos Peixinhos, a Escola Comunitária Nova Esperança.

Na década de 1980, a comunidade mostra, mais uma vez, seu poder de mobilização e se organiza para a luta contra a “estação de transbordo de lixo”, ou seja, todo o lixo hospitalar da Região Metropolitana de Recife seria depositado no bairro.

“Peixinhos já é um bairro bastante poluído com a curtição do couro, a caldeira do Matadouro Constâncio Maranhão queimando tudo que é podre, um rio morto cheio de detritos, o bafo da depuradora, alto índice de filaríose, erisipela, pneumonia e tantas outras doenças causadas pela poluição. Ainda assim queriam trazer todo tipo de lixo para o bairro” (Idem: 100).

A população se uniu e lutou contra tal projeto, enfrentando a Prefeitura de Olinda e o Governo Estadual. A luta foi bastante desgastante mas, com o apoio de algumas entidades da sociedade civil⁵, os moradores resistiram e ganharam a causa.

⁴ Referimo-nos à organização de missas de natal e das procissões de São Sebastião, como também a organização de uma feira livre, até então não existente no local.

⁵ Dentre elas a ASPAM, CREA, ETAPAS, Centro Josué de Castro, sindicato dos Metalúrgicos, Prefeituras de Recife e Olinda, Associações de Moradores e etc. (PAULA, 2000: 102)

Neste mesmo período outros grupos surgiram, como a Sociedade Beneficente, o Centro Cultural de Peixinhos (CCP), o Centro Helder Câmara, o Grupo São Jorge, Grupo de Saúde Condor e Cabo Gato e o Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças (GCASC). Estes tinham um interesse comum: resolver os problemas da comunidade.

A década de 1990 chega, e as perspectivas da comunidade permanecem. As mesmas reivindicações são solicitadas ao poder público, e a comunidade continua a lutar e a lutar. Um fato diferente que começa a preocupar os moradores da comunidade é o aumento da criminalidade e da violência urbana dentro do bairro. Os altos índices de desemprego, de exclusão social e a violência, têm relações estreitas na vida cotidiana da comunidade, sobretudo no que remete à vida da juventude local.

Peixinhos tem seu dia-dia marcado por acontecimentos ligados à violência,

“pessoas morrem e são mortas por grupos de exterminadores, principalmente adolescentes... as drogas aumentam aqui como mar de ondas gigantes derrubando o que encontram pela frente, tirando a consciência, a auto-estima, a sensibilidade, resultado do descaso dos governantes” (Paula, 2000:119)

Sabemos que estes são problemas que não remetem apenas ao bairro de Peixinhos. No Brasil, a violência urbana vem crescendo, sobretudo nas periferias dos centros urbanos, e tornando a população vulnerável às suas mazelas. Vários são os fatos que contribuem para este crescimento: o desemprego, a miséria, a exclusão social como um todo, o tráfico de drogas, e a ausência de uma política de segurança pública que contenha este desenvolvimento.

Espaços dentro da comunidade se tornam perigosos, dentre eles o antigo Matadouro Municipal. Seu prédio estava abandonado desde o fechamento, em 1970, sofrendo com a falta de manutenção por parte da Prefeitura do Recife, responsável pelo prédio, a ação do

tempo e a freqüente depredação ocasionada pelos próprios moradores do bairro, com a retirada de ferros, tijolos, madeiras, etc, tanto para construírem suas casas, quanto para as venderem. O Matadouro se tornou um lugar onde o tráfico de drogas utilizava o espaço para a comercialização e o uso de drogas, assim como a criminalidade, devido à exposição do local, fazia do lugar um depósito de corpos onde pessoas mortas eram abandonadas, ou seja, local de desova.

Dados os fatos, grupos existentes na comunidade começaram a exigir do poder público providências que pudessem modificar aquela realidade. Com dificuldade de terem suas sedes e diante de um espaço enorme e abandonado, os grupos ocuparam o prédio onde se localizou o Centro Social Urbano de Peixinhos (CSU/ Prefeitura de Recife), e começaram a desenvolver suas atividades. Este prédio é o único, dentro da precária estrutura do Matadouro, que possui instalação elétrica e hidráulica.

Como a maioria dos grupos desenvolvia atividades culturais e a área estava sendo utilizada das mais diferentes formas, os grupos perceberam que seria interessante transformar o local em um espaço de utilidade da comunidade, em espaço cultural. Como referido por Nínive Fonseca, “assim, o projeto de transformar a área do antigo Matadouro em um ‘*Nascedouro de Cultura*’ surgiu da organização de vários grupos culturais do bairro, que tinha como objetivo utilizar o espaço para desenvolver atividades culturais diversas, já que não existem espaços públicos de lazer no bairro” (2003: 46)

O poder público respondeu às reivindicações da comunidade através da inclusão do “Nascedouro de Cultura” em um projeto chamado PROMETRÓPOLE com a proposta, elaborada em 1999, de *Restauração e Adequação Funcional do Sítio Histórico do Matadouro de Peixinhos*. O PROMETRÓPOLE “tem como objetivo principal a

implementação de ações integradas de infra-estrutura urbana e de provisão de serviços públicos, que beneficiem as áreas ocupadas pela população de baixa renda”(Idem: 48).

A intervenção prevê uma restauração em toda estrutura construída do antigo Matadouro e uma distribuição de responsabilidades quanto à gestão do empreendimento. O objetivo é transformar a área em um Centro de Difusão Tecnológica, coordenado pelo Governo Estadual, a ampliação das atividades do Centro Social Urbano (CSU), pela Prefeitura do Recife, e um Centro Cultural que terá como responsáveis os grupos culturais da comunidade (idem: 51)

Muitas dúvidas e inseguranças vêm sendo apontadas ao longo da divulgação deste projeto. Dentre elas, a de que a obra não será realizada devido à sua grande dimensão, e a incerteza sobre como estes centros se manterão, já que deverão se auto-sustentar.

Com a falta de respostas que diminuam a ansiedade, resta aos grupos continuarem participando das reuniões semanais que ocorrem no próprio prédio do Nascedouro de Cultura, demonstrando que este tipo de impasse vem tornando a comunidade ainda mais coesa com relação ao seu desejo de transformar o antigo Matadouro de Peixinhos em um grande espaço cultural e de lazer dentro do bairro (Idem).

A juventude vem participando ativamente de todo o processo de negociação demonstrando verdadeiro empenho na defesa dos interesses da comunidade. Talvez possamos considerar que esta mobilização, por parte dos jovens, seja um reflexo da história de organizações sociais em Peixinhos. Fonseca (2003) aponta dois grupos que desempenham papel importante na luta pelo Nascedouro de Cultura: O Balé Afro Majê Mole e o Movimento Boca do Lixo.

O grupo Majê Mole foi o primeiro a ocupar um espaço dentro do antigo Matadouro. É formado por 17 meninas, entre crianças e adolescentes, 5 percussionistas e

coordenadores, e tem como objetivo profissionalizar meninas carentes através da dança (Idem, 2003: 59).

O grupo se auto- sustenta a partir da venda de seus espetáculos de dança, não recebendo financiamento de instituições. O Majê Molê, em sua história, vem se destacando entre outros grupos do bairro devido à visibilidade que vem recebendo, tendo como marco desta atenção a premiação com o troféu de ‘Balé Revelação do IV Encontro de Música Afro do Pina de 1997’ e sua participação em dois clipes (1999), um em homenagem a Cidade de Recife e outro destinado ao Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (PAULA, 2000: 69).

Com apoio do Centro de Cultura Luiz Freire o grupo elaborou um projeto em busca de financiamento para um novo espetáculo que estava sendo montado. Este projeto, que foi encaminhado para a FASE-NE (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacionais) foi aceito; o que eles não esperavam era o contato com a Banda O RAPPÁ, - em 2000-, que colaborava com esta ONG. A banda visitou o Majê Molê no Nascedouro e convidou o balé para se apresentar com eles no festival de música Abril pro Rock, no Vídeo Music Brasil (VMB), festival de premiação da MTV, e, por fim, no Programa do Jô, na Rede Globo de Televisão.

Esta visibilidade da sociedade levou a conduzir o balé de forma mais profissional, ao mesmo tempo que contribuiu para despertar a curiosidade com relação ao bairro de Peixinhos, tantas vezes diretamente relacionado à violência, sofrendo o descaso das políticas e preconceitos da sociedade, e agora com sua nova efervescência e movimentação cultural reconhecidas.

O Movimento Boca do Lixo, por sua vez, até então conhecido como Movimento Underground, surgiu da falta de espaços para manifestações dos jovens do bairro. Em 1993,

em muitos finais de semanas bandas de rock se apresentaram nas ruas de Peixinhos, o que ocasionou desagrado por parte de moradores que não gostavam do barulho em frente a suas casas, da quantidade de gente, do tipo de música tocada, ou seja, não aceitavam as expressões juvenis. Isso fez com que os jovens se organizassem para transformar os encontros semanais em algo que fosse além das apresentações das bandas.

Em 1997, com apoio de uma ONG local, a Comunidade Assumindo Suas Crianças, o grupo resolveu que o seu objetivo seria promover um espaço de interação e troca de diversas expressões culturais produzidas no bairro. O movimento recebeu o nome de Movimento Cultural Boca do Lixo. Sua escolha foi uma homenagem às pessoas que participaram da luta contra a instalação da estação de transbordo no bairro, sendo o lixão instalado na comunidade vizinha no bairro de Aguazinha (idem: 81).

O grupo e a comunidade começaram a promover a ‘Semana de Cultura de Peixinhos⁶’, que a cada ano vem crescendo e se tornando um marco na organização juvenil do bairro. O evento começou a ser valorizado dentro do bairro e também pela mídia, que veiculou matérias divulgando o evento que é idealizado, produzido e executado por jovens de um bairro da periferia de Olinda (Fonseca. 2003: 82).

O grupo também promove outro projeto, o POP ROCK, voltado para apresentações de bandas de rock. Estes dois projetos são realizados nas instalações internas do Nasedouro, o que faz o grupo lutar pela valorização e garantia do espaço para a cultura de Peixinhos.

Alguns participantes do projeto Boca do Lixo desenvolveram uma proposta de uma biblioteca comunitária chamada ‘Biblioteca Multicultural Nasedouro’, na perspectiva de disponibilizar um espaço agradável e criativo para o convívio de moradores da

comunidade. Este projeto foi idealizado a partir da participação de membros do Movimento Boca do Lixo num curso de “Produção e Gestão de Projetos Culturais”, promovido pelo Centro de Cultura Luiz Freire.

A elaboração do projeto foi resultado da conclusão do curso e com apoio do Centro de Cultura, foi inscrito em várias instituições financiadoras de projetos culturais e sociais, sendo aprovado pelo UNICEF (Idem).

A idéia tem tido uma boa aceitação, e a população de Peixinhos tem acesso garantido à literatura com os dois mil títulos que a biblioteca dispõe, todos doados pelos moradores do bairro e tem como maiores interessados crianças e adolescentes.

É importante chamarmos a atenção para o fato de que, com a chegada destes e de outros grupos no antigo Matadouro de Peixinhos, a criminalidade e o tráfico de drogas diminuiu ou dispersou suas atividades dentro do Matadouro. Isso não quer dizer que acabou a violência naquele lugar mas que devido ao aumento do fluxo de pessoas no local, o Nascedouro tornou-se mais seguro, como registra Fonseca, afirmando que “a tentativa era fazer do local um lugar mais seguro, onde as pessoas pudessem ir sem se sentirem ameaçadas, foi parte importante na escolha do grupo em utilizar os espaços do antigo Matadouro” (idem: 85).

Mesmo a pesquisadora se referindo a apenas um grupo, Movimento Boca do Lixo, em sua fala, podemos concluir que esta escolha pela utilização do antigo Matadouro como espaço de produção cultural, e sua transformação em um Nascedouro de Cultura, é mérito de todos os grupos que fizeram parte desta conquista.

Por isso, em nosso trabalho destacaremos mais dois grupos que contribuíram para esta luta, o Lamento Negro e o Gazela Negra, cujas histórias iremos conhecer, mais

⁶ Este evento proporciona expressões artísticas voltadas para a dança, o teatro, a música, a poesia e etc.

detalhadamente, na próxima seção, já que servirão como base da nossa investigação, feita a partir do contato direto com os jovens deles participantes.

3.3- Entre tantos grupos, o Lamento Negro e o Gazela Negra.

Falar sobre estes dois grupos corresponde a observar dois projetos com dimensões diferentes que andam de mãos dadas. Trata-se de trabalhos que têm o mesmo objetivos: proporcionar às crianças, adolescentes e jovens do bairro de Peixinhos a profissionalização artística, como meio de estimular a auto-estima e oferecer uma perspectiva de futuro longe da violência.

Estes grupos culturais são coordenados por uma única família residente no bairro de Peixinhos, da qual dez irmãos integram a equipe. Os grupos trabalham em parceria, um subsidiando o outro, e foi possível perceber que em, muitas situações, a unidade entre eles predomina e suas atividades se entrelaçam.

Para melhor compreendermos a dinâmica dos projetos, vamos apresentá-los separadamente. Assim, poderemos identificar as limitações de cada um e onde eles se entrelaçam.

3.3.1- O toque do Lamento Negro.

O grupo surgiu em 1989 na comunidade de Peixinhos, formado por jovens, e foi o primeiro grupo de percussão da comunidade, que sob ensinamentos de um Ogã, chamado João, mais conhecido como João Ciência, aprendeu a tocar instrumentos percussivos.

O grupo fundou um afoxé de nome Lamento Negro (LN), que inicialmente era composto por 15 pessoas. Depois se tornou uma entidade carnavalesca, com o nome de Bloco Lamento Negro. Esta mudança se deu devido ao interesse de outras pessoas em

participarem do projeto, pois como um afoxé a participação dos interessados era limitada, já que poucas pessoas participam de uma orquestra de afoxé, devido à pequena quantidade de instrumentos necessários.

Com a mudança para bloco, foi possível acrescentar outros instrumentos, como repique, caixa, cuíca, surdo e alfaia. A proposta era criar um grupo de percussão com um estilo próprio. A mudança não agradou a todos e alguns dos fundadores saíram do grupo. No primeiro ano em que o bloco foi às ruas, saiu com apenas seis ou sete pessoas e, com a aceitação, foi despertando interesse de outras pessoas em participarem do projeto, como relata um dos coordenadores do grupo:

“Daí por diante foi um passo para a turma dizer: Poxa!!! isso ai é coisa nova, é coisa de Peixinhos mesmo, é coisa que o L N criou e passou a bola pra frente até hoje” (M.Coordenador do Lamento Negro).

Neste sentido, algumas pessoas da comunidade se surpreenderam com o novo estilo proposto pelo o Lamento Negro e se identificaram a ponto de quererem participar do projeto; estes interessados eram crianças e jovens do sexo masculino que moravam no bairro.

Os organizadores do grupo acharam interessante esta procura pelo L N, e chegaram à conclusão de que a absorção destas crianças e jovens no grupo seria um meio pelo qual poderiam contribuir para afastar estes sequentes da violência, pois em Peixinhos já estavam ocorrendo muitos crimes e o tráfico de drogas estava cada vez maior. Seria, então, uma forma de fazer com que as crianças e adolescentes não ficassem vulneráveis nas ruas, e ocupassem seu tempo disponível com os ensaios, durante a semana.

Tendo como foco a valorização à cultura afro-brasileira, o L N inicia suas atividades de percussão e confecção de instrumento, trazendo para o cotidiano ritmos que até então estavam escondidos na memória.

“isso é bom que a cultura negra tava um pouco esquecida, então nós viemos para colocar isso no dia-dia, pra valorizar, pra turma saber que no passado brasileiro também tem parte nossa.” (M.Coordenador do Lamento Negro).

“O nosso objetivo principal é trabalhar com as crianças e adolescentes e dar uma perspectiva de vida melhor, dar a melhoria de sua auto-estima de seus ideais perante a comunidade, a sociedade”.(M.Coordenador do Lamento Negro)

No interior deste projeto aparecem, além da valorização da auto-estima através da cultura negra e do respeito às diferenças, um empenho em estimular os participantes nos estudos; em caso de não estarem na escola, a criança ou adolescente é encaminhado, recebendo atenção necessária para que perceba a importância da escola, pois é a partir da educação que o participante terá uma consciência crítica diante da sociedade.

“Se você vier no carnaval aqui, você vai ver um menino de sete anos e vai ver um cara de cinquenta anos tocando juntos no L N” (M.Coordenador do Lamento Negro)

O Lamento Negro apresenta uma dispersão com relação à idade de seus participantes pois, para entrar no grupo, a idade mínima é sete anos, não existindo idade estipulada para sair dele. Como se trata de um bloco carnavalesco, a entidade apresenta

esta flexibilidade, e os próprios organizadores acham que não é importante colocar esta limitação, diferentemente de outros grupos culturais que colocam um limite de idade para a participação

A frequência dos participantes depende de sua disponibilidade, mas é claro que isso se verifica com relação àqueles que têm mais experiências e já trabalham. Com relação às crianças e adolescentes este trabalho é realizado de uma forma mais intensiva. A média de pessoas participando do grupo é de, aproximadamente, 40 alunos.

“No carnaval aqui, se você vier na sexta-feira de carnaval você vai ver as mães dos meninos todo mundo faz aquela festa, um traz uma mão de vaca, outro traz cerveja, outro traz latinha de cana, isso é o que fortalece o L N.”.(M.Coordenador do Lamento Negro)

Este número cresce quando está próximo do carnaval, época em que participantes atuais e antigos se reúnem para ensaiar; o número de participantes dobra, pois aparece gente já tocou no L N e que tem outras bandas e, na sexta –feira que antecede o carnaval, a festa acontece com a participação de toda a comunidade, cada um ajudando do jeito que pode.

O Lamento é uma entidade que se auto-sustenta. Como o grupo não recebe financiamento de nenhum órgão, isso dificulta a manutenção e a confecção dos instrumentos necessários para suas apresentações. Em várias situações o recurso para compra de materiais, tanto para os instrumentos como para o figurino, sai do “próprio bolso” da coordenação.

Esta é uma questão interessante, pois aparece mesmo como resistência dos organizadores em dependerem de financiamento externo para execução de suas atividades. Este mesmo tipo de resistência aparece com relação à política, como no depoimento abaixo,

“...a gente não quer se envolver com política, pra depois a pessoa não vir pedir em troca o que a gente possa fazer pra eles” .(M. Coordenador do Lamento Negro)

Este posicionamento impede qualquer possibilidade de trocas de favores com relação aos políticos e seus partidos, o que torna o grupo distante desses tipos de relacionamentos.

O Lamento Negro formou muito profissional em percussão. Muitas pessoas passaram por ele nestes 15 anos de grupo, e em muitos casos as pessoas saíram para formar outras bandas, bandas estas que sofreram forte influência do trabalho desenvolvido pelo Lamento e que ,em alguns casos, não existem mais, a exemplo da Coração Tribal, da Via Sat, da Serpente Negra, da R.D.A, da Black Moleque e muitas outras bandas.

Uma banda, em especial, recebeu a contribuição do estilo musical do Lamento Negro. Foi a Banda de Chico Science e Nação Zumbi, um dos principais grupos que participaram do *Movimento Cultural Mangubeat*, juntamente com *Mundo Livre S/A* e outras.

Chico Science conheceu o Lamento Negro através de Gilmar, Bola Oito, que fazia parte do Lamento. Os dois trabalhavam na Empresa Municipal de Informática (EMPREL) e, após muita insistência, Chico conheceu o bloco. Queria, através dele, misturar estilos musicais e experimentar para descobrir uma batida percussiva, um tom diferente para a

música, que seria produzida pela banda deles, posteriormente. Tudo isso não aconteceu de uma hora para outra; este período de experimentação durou aproximadamente um ano, até descobrirem que seria interessante para a banda que estava surgindo.

O Lamento Negro teve um papel muito importante na idealização e formação do que seria a música produzida pela banda de Chico Science, sua contribuição ao *movimento mangue* acrescentando sua experiência dentro de um processo em que a diversidade cultural é apresentada através de linguagens juvenis, e a música é vista como forma de expressão social que demarca os espaços dentro da sociedade⁷.

3.3.2- Gazela Negra: Onde tudo começou com a dança.

O Grupo, Centro Cultural Social Desportivo Gazela Negra, surgiu em 1995 com o objetivo de dar um apoio ao Lamento Negro, pois este tinha uma percussão e precisava de um grupo de dança que o acompanhasse. Assim, convidaram algumas crianças e adolescentes para participarem do projeto.

O Gazela Negra é um grupo cultural que tem a cultura afro-brasileira como elemento de base na realização de suas atividades. Desenvolvem o trabalho, aproximadamente, 580 crianças, adolescentes e jovens do bairro de Peixinhos, com a faixa etária dos participantes variando de 4 a 25 anos.

O projeto tem como objetivo profissionalizar os participantes nas áreas esportiva, artística e cultural, com o intuito de complementar a educação dada pela família e pela escola, como afirma uma das coordenadoras

“Socializar, educar nossos meninos pra o futuro. E os nossos meninos aprendem, tanto na escola ou junto com a gente, a trabalhar socialmente, a ter

uma perspectiva de vida melhor, ter orientação, serem educadores sociais” (F.

Coordenadora do Gazela Negra)

Assim, percebemos que na fala transcrita está presente um desejo com relação à preparação dos participantes diante do futuro e seu compromisso com a comunidade e a sociedade em geral.

O grupo realiza suas atividades na comunidade em lugares como o Nascedouro de Cultura, o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) e em sua sede, que fica na comunidade do Azeitona, dentro de Peixinhos, de modo que o projeto transita dentro do bairro, tendo uma considerável visibilidade diante dos moradores.

As atividades desenvolvidas são: teatro, dança afro, percussão, confecção de instrumentos, capoeira, recreação, oficina de bijuteria e escolinha de futebol. O time, tem o nome de Grêmio Recreativo Gazela Negra, e participa de competições municipais e estaduais.

O Gazela é uma organização não governamental (ONG) que se auto-sustenta, semelhantemente ao Lamento Negro, e que assume proporções bem maiores com relação ao trabalho desenvolvido, pois o número de participantes é muito grande e não se recebe financiamento ou ajuda de custo para isso; em muitas situações, tanto no Gazela quanto no Lamento, os gastos são pagos pelos coordenadores.

“A semana passada tivemos um arrastão e não tínhamos dinheiro pra o transporte. De repente chegou um oferecendo o transporte, outro dizendo que tinha vinte pães pra ajudar no lanche” (F. Coordenadora do Gazela Negra)

⁷ Para conhecer mais sobre Movimento Mangubeat ver Souza (2002).

Isso nos mostra que parte da cooperação dada ao grupo vem da própria comunidade, o que não significa que tenha sido sempre assim, de acordo com o depoimento de uma das coordenadoras, que, quando nos referimos à questão de preconceito, afirmou que:

“Muito. Hoje tem ainda. Essa parte aqui de vila está mais liberal, agora a parte da área da Azeitona, ela vê ainda os meninos e meninas com um certo preconceito. Eles acham que é macumba, que não era pra fazer ensaio na rua, porque como tem muita gente evangélica lá em Azeitona, elas acham que a gente está incentivando as meninas a mostrarem mais o corpo, que os meninos não deviam estar tocando aquelas músicas de terreiro, que aqueles cabelos fazem os meninos serem policiados, que não é pra eles usarem brincos” (F. Coordenadora do Gazela Negra)

Seu depoimento nos mostra que o preconceito ultrapassa a questão da cor/ raça, atingindo a religiosidade, que no caso está associada à questão racial, como também as expressões e linguagens juvenis que se manifestam nos tipos de cabelos e na utilização de brincos, no caso dos meninos.

Para os coordenadores, o Gazela tem sua importância a partir do momento em que está contribuindo para a formação dos jovens no bairro e com a orientação dada para eles

“...Apesar do jovem ter consciência das coisas, ele sabe o que ele quer, mas também precisa orientar, como eu fiz orientação... Quando eu vejo que um jovem quer estudar, acho que estamos contribuindo” (F. Coordenadora do Gazela Negra.)

“Primeiro ocupar o espaço deles e a mente deles, outra, profissionalizar aqueles que tem condições. A importância educacional, profissional, liberdade de expressão e ajuda psicologicamente, porque hoje o adolescente se não tiver as diretrizes sérias eles podem passar pro outro lado, das drogas, do vício, assalto, morte. Então o trabalho, o nosso projeto é sobre isso, é fundamental, deixa o menino mais próximo da profissionalização, a educação. É muito fechado, é realmente muito sério” (M. Coordenadora do Gazela Negra.)

Nos dois depoimentos aparecem termos pertinentes que esclarecem como o projeto procura caminhar com relação aos seus participantes. Os primeiros expõem um compromisso que o projeto tem de orientar e direcionar a trajetória dos jovens neste período de suas vidas. Outro ponto interessante é a valorização da educação, por ser através dela que o público abordado pode conseguir uma profissionalização voltada para aquilo que ele escolher para sua vida.

Quando indagamos sobre a visão que o jovem tem de si mesmo a partir de sua participação no Gazela, tivemos a seguinte impressão descrita por uma das coordenadoras,

“Eu acho que eles se vêem como um cidadão. Porque a partir do momento que você tira ele de um lugar onde você vê mortes, assassinatos, drogas, tráfico e ele se vêem naquele projeto abrangendo a mente, trabalhando eles, mostrando a eles o que tem de bom nesse lugar, o que tem de bom e ruim fora daqui também, e a gente pode mostrar essa diferença de classes e que existe o mesmo problema” (M. Coordenadora do Gazela Negra)

Concluimos, com este depoimento, que a conquista da cidadania pelo jovem tem relação direta com seu distanciamento da violência do local, reflexo da exclusão social, com a elevação da auto-estima e com a valorização do lugar onde mora, independente de sua classe social.

Após termos verificado as impressões que as pessoas que coordenam os projetos acima citados têm sobre os adolescentes e os jovens participantes, no próximo capítulo buscaremos perceber, entre os jovens entrevistados, quais elementos que contribuem para a formação de sua identidade estão presentes nos espaços em que vive - escola, família, rua, e, principalmente, sua participação nos grupos escolhidos para nosso estudo.

CAPÍTULO IV

UMA NOVA IDENTIDADE: RESPONSABILIDADE E CIDADANIA CONTRA UM COTIDIANO DE VIOLÊNCIA

4.1- Objetivo e justificativa da pesquisa.

Os anos de 1990 e os do início da década 2000 foram marcados pelo aumento da violência urbana no Brasil. Em resposta à resquícios da crise econômica da década anterior, surgem vários projetos espontâneos voltados para jovens das periferias dos grandes centros urbanos, por estes apresentarem vulnerabilidade com relação ao envolvimento com a criminalidade, seja através da participação em galeras ou da ligação com o tráfico de drogas.

O contexto nos mostra que os jovens de hoje estão suscetíveis aos processos de fragmentação provocados tanto pelo desemprego quanto pela ausência de políticas públicas voltadas para esta categoria geracional. Como afirma Abramo, “com relação às políticas públicas, é necessário notar que, no Brasil, diferentemente de outros países, nunca existiu uma tradição de políticas especialmente destinadas aos jovens, como alvo diferenciado do das crianças, para além da educação formal” (1997: 25-26).

Contudo, identificamos diferentes formas de organizações sociais no Brasil, preocupados com a exclusão social, a exemplo do surgimento de grupos culturais dentro de comunidades da periferia dos centros urbanos, buscando melhorar a vida das pessoas que moram nessas áreas.

A Região Metropolitana de Recife apresenta os mesmos problemas dos centros urbanos brasileiros, e nela vários projetos culturais são realizados com jovens, dessas comunidades com o objetivo de desenvolver trabalhos que impulsionem a prática da cidadania.

Estes projetos centram suas ações na busca de alternativas para a superação das dificuldades cotidianas, através de atividades que conquistem os jovens: pelo esporte, arte, educação, profissionalização, tendo sobretudo a cultura como eixo metodológico para o desenvolvimento dos jovens participantes.

É importante observar a valorização da cultura local nos trabalhos que são realizados por essas instituições. É através da cultura que mobilizam meios para que os jovens abordados se tornem agentes de suas ações, com a valorização das histórias pessoais juntamente com o conhecimento da cultura da sociedade, expressada por seus símbolos e seus valores, tendo como resultado uma articulação crítica de si, da comunidade e da sociedade como um todo.

A cultura se apresenta como base de uma expressão que pode ser entendida como política, uma vez que possibilita a afirmação da identidade da população excluída a partir de manifestações e criações artísticas (dança, teatro, etc), da criação de linguagens juvenis (modos de vestir e de falar) e da utilização de instrumentos, como a música, na transmissão de mensagens, no plano das representações sociais de si mesmo e dos outros que dão visibilidade e auto-afirmação para os jovens.

Neste sentido, este trabalho investigou a influência dos projetos sociais na construção da identidade dos jovens. Tendo como referência a visão dos jovens sobre si mesmos, identificamos que seria relevante observarmos que outros elementos identitários

fazem parte da formação social do jovem a partir de sua vivência em outros setores da sociedade como a família, a escola, o grupo de amigos, etc.

Dentre estas instituições, levamos em consideração a influência, especialmente sobre os jovens, *dos projetos culturais sociais*, pois acreditamos que sua participação neles, além de sua permanência, seja resultado de sua própria opção, diferentemente da maioria das acima citadas, onde a participação da juventude é imposta socialmente.

4.1.1- A escolha do bairro

Escolhemos como local para a realização da pesquisa de campo o bairro de Peixinhos devido ao fato de que esta comunidade apresenta alguns elementos interessantes para a nossa observação.

Entre estes elementos, ressaltamos o alto potencial de organização social que a comunidade tem, e que vem sendo demonstrado no decorrer da história do bairro. Acreditamos que o senso de mobilização dele decorrente tenha favorecido o surgimento de inúmeros grupos culturais e sociais dentro da comunidade.

Este seria um fator importante para a escolha do bairro: o surgimento de grupos durante a década de 1990, impulsionando a cultura local como alternativa ao cotidiano violento onde os jovens são os que se encontram em maior situação de vulnerabilidade. Estes grupos utilizam linguagens juvenis, seja hip hop, funk ,rock, grafites, música afro, etc, como meios que expressem suas ações.

Este acontecimento proporcionou ao bairro uma visibilidade diante da mídia, que veio destacando a “efervescência cultural” de Peixinhos e de outras localidades da Região

Metropolitana de Recife⁸. Esta evidência da mídia despertou o interesse de estudiosos que realizaram pesquisas sobre o cotidiano da cidade e a multiplicidade da cultura regional.

Dentre os principais acontecimentos culturais da década e de 1990, estão aqueles que tiveram os jovens como idealizadores e condutores do processo. Dois movimentos merecem destaque neste período: O movimento Hip Hop (Alto José do Pinho) e o Movimento ManguêBeat (vários bairros periféricos de Recife). Este último recebeu dos músicos de Peixinhos muita influência na sua gênese, principalmente para a formação do grupo e definição do estilo musical da banda de *Chico Science Nação Zumbi*.

A divulgação do bairro na mídia serviu tanto para o fortalecimento da ação da juventude local com relação às expressões culturais, consolidando muitos grupos, bandas e artistas que tinham envolvimento com a cultura regional, como também para a imagem do bairro, que antes era visto apenas como um bairro violento, e que agora recebe a conotação de bairro onde se tem manifestações culturais que proporcionadas pela juventude, se expandem na região e ultrapassam as fronteiras brasileiras.

Portanto, os fatores fundamentais para a escolha de Peixinhos, como campo de pesquisa, foram a capacidade de organização e mobilização social, o surgimento de muitos grupos culturais envolvendo a juventude do local e a exploração da imagem do bairro enquanto um local onde se tem valorização da cultura.

4.1.2- Os grupos e a pesquisa de campo.

A primeira visita à comunidade de Peixinhos foi em Janeiro de 2003. A intenção era conhecer o local e os grupos existentes na comunidade para, ao menos, ter um contato inicial com alguns grupos do bairro. Neste dia, estava acontecendo um evento no

Entre elas o⁸ Alto José do Pinho, o Arruda, Afogados e o Pina.

Nascedouro de Cultura, antigo Matadouro Municipal, realizado pelos jovens da comunidade em função do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE). Estavam sendo realizadas apresentações de vários grupos culturais da comunidade para os visitantes.

O local estava repleto de pessoas e não foi possível um contato mais aprofundado com os grupos, nem tampouco o entendimento da dinâmica dos trabalhos sociais ali existentes. Aquela movimentação despertou ainda mais a curiosidade sobre o lugar, pois ficou evidente o quanto a participação dos jovens da comunidade torna ainda mais especial o bairro de Peixinhos.

As informações que se tinha até o momento sobre o lugar, foram adquiridas através dos jornais e programas de TV locais, que falavam muito da violência do local e ao mesmo tempo, da movimentação cultural no bairro. Isso foi despertando um interesse sobre o que levaria um bairro tão violento a ter uma efervescência cultural crescente.

Mesmo com toda a dificuldade, devido ao evento realizado naquele dia, buscamos encontrar algum membro do grupo Lamento Negro, pois este era um dos mais famosos da comunidade, por ter participado da formação da banda *Chico Science Nação Zumbi* e ter contribuído fortemente com o Movimento Mangue.

Encontrando um dos coordenadores do grupo Lamento Negro, explicou-se o motivo de sua procura, o interesse de conhecer o projeto e os jovens participantes para fazerem parte de uma pesquisa acadêmica visando a elaboração da dissertação de Mestrado. Até então, o objetivo da pesquisa não estava muito bem amadurecido, mas estava claro que a intenção era observar que tipo de relação os jovens tinham com os projetos sociais de que participavam.

Na mesma ocasião, foi possível contactar o coordenador de outro grupo, o Peixe Arte. Após a explicação, este também se mostrou interessado em colaborar no que fosse

possível para a realização da pesquisa. Mesmo estabelecendo esse contato inicial, não nos foi possível mantê-lo, devido a dificuldade de agenda do grupo para marcarmos as conversas e para conhecermos o projeto Peixe Arte, diferentemente do que aconteceu com o Lamento Negro, que apresentava uma maior disponibilidade de horários.

Na primeira entrevista com o coordenador do projeto Lamento Negro, obtivemos informações pertinentes que contribuíram para a escolha do segundo grupo a ser investigado, pois identificamos que um grupo paralelo ao Lamento Negro trabalhava em parceria com ela. O grupo Gazela Negra surgiu por uma necessidade que o Lamento Negro tinha nos seus desfiles de carnaval, de ter a participação de um corpo de baile que acompanhasse e dançasse o ritmo percussivo, afoxé, tocado pelo Lamento.

A escolha desse segundo grupo foi importante porque percebemos que suas atividades se estendem ao primeiro, que trabalha com música percussiva afro-brasileira, enquanto, o segundo desenvolve outros elementos culturais, como dança afro, teatro, percussão, capoeira e futebol.

Mesmo os dois grupos sendo independentes, percebemos também que a relação de parceria entre eles acontece, principalmente, pela relação de parentesco existente entre os coordenadores dos dois grupos, o que não compromete a dinâmica das duas entidades individualmente. Ao contrário, que vez por outra cedem um ao outro músicos e dançarinos, ou fazem apresentações conjuntas, o que inclusive não impede a construção de redes com outros grupos da comunidade de Peixinhos e de outras localidades.

O Lamento Negro é uma entidade carnavalesca que desenvolve atividade com aproximadamente 40 crianças, adolescentes e jovens, duplicando este número quando entra no período carnavalesco. A idade mínima para ingresso no grupo é de sete anos, sem idade limite estabelecida para os mais velhos. O Gazela Negra é uma ONG, ou seja, é

institucionalmente mais ampla e não recebe financiamento externo. Vive dos próprios recursos, assim como o primeiro grupo escolhido, atendendo crianças, adolescentes e jovens de idades entre quatro e vinte e cinco anos.

Após a conversa com os coordenadores e a compreensão de como os trabalhos eram realizados, iniciamos o contato com os adolescentes dos dois grupos. Os contatos se tornaram mais intensos entre Outubro de 2003 e Janeiro de 2004. Neste último mês, houve uma maior dificuldade com relação à conclusão das entrevistas com os adolescentes. Primeiro, por ser um período de férias escolares e os projetos fizeram um recesso em suas atividades. Segundo, por coincidir com o período de solicitação de documentos, como carteira de reservista e título eleitoral, para os jovens, o que deixou muitos deles dispersos e indisponíveis para a conclusão desta etapa.

Assistimos ensaios do grupo Lamento Negro, e alguns ensaios e apresentações do Gazela Negra. Este maior acompanhamento ao Gazela se deu pela necessidade de conhecer o projeto como um todo e suas diversas atividades, que são desenvolvidas com uma média de 580 participantes.

Foi uma experiência muito interessante, mesmo vivendo em um subúrbio, conhecer a realidade de uma comunidade ainda mais pobre e carente de serviços públicos, como também excluído socialmente, tendo chamado a nossa atenção a dedicação dos que coordenam os projetos e dos próprios participantes.

Os primeiros por dedicarem todo o seu tempo disponível⁹ ao grupo, e os segundos, por se fazerem presentes, além dos dias normais de ensaio durante a semana, no horário

⁹ Além de terem empregos fora dos projetos, em muitas situações as despesas dos grupos são todas pagas pelos próprios coordenadores.

extras- escolar e nas horas vagas de lazer, nos sábado e domingos pela manhã, quando se reúnem para desenvolver suas atividades dentro do grupo.

Foram realizadas 14 entrevistas com participantes dos dois grupos, e 3 com os coordenadores de ambos, totalizando 17 entrevistas. Entre os jovens abordados, a faixa etária variou entre 14 e 25 anos. As entrevistas foram feitas no Nascedouro de Cultura, no CAIC e na casa de uma das coordenadoras do Gazela Negra, locais escolhidos de acordo com a conveniência do entrevistado.

Foi elaborado um roteiro pré –estruturado para as entrevistas, onde se levantava questões referentes ao cotidiano dos jovens e à sua relação com o projeto e com a comunidade. A base do questionário se apresentava da seguinte forma: o motivo que os levaram a participar dos projetos; a importância de participarem de um projeto como este e em que os grupos vêm contribuindo na vida deles; que sentido a cultura negra está presente na vida deles; como acham que contribuem dentro dos projetos e como percebem a importância deles dentro dos projetos e da comunidade; como vêm os outros jovens, participantes e não participantes dos grupos culturais sociais; como é a relação deles na escola, em casa, no grupo de amigos e no projeto; o que eles acham que estariam fazendo, se não participassem de um projeto social; por fim, do ponto de vista deles, qual a contribuição que os jovens e os projetos têm dado à comunidade.

Este roteiro pré- estruturado apresenta questões gerais e a linguagem utilizada nas entrevistas foi a mais próxima possível da dos entrevistados. O questionário foi elaborado de modo que ficasse flexível para abordar questões pertinentes que surgissem no momento da entrevista.

O passo seguinte às entrevistas foi a análise das falas. Nelas, buscamos identificar os elementos formadores da identidade social do jovem da comunidade de Peixinhos,

sobretudo, aqueles que são influência, resultado, da participação dos jovens nos projetos culturais e sociais. O resultado desta análise será apresentado na próxima seção.

4.2- Elementos formadores da identidade social dos jovens de Peixinhos.

Esta seção atenderá o objetivo do nosso trabalho que é investigar a influência dos projetos sociais na construção da identidade dos jovens. Buscamos identificar quais elementos são acrescentados à identidade social a partir de sua participação em projetos sociais, tendo como referência a visão dos jovens sobre si.

No desenvolvimento do estudo perceberemos que um assunto se faz presente frequentemente dentro das declarações dos entrevistados. Este assunto diz respeito à violência existente no bairro de Peixinhos, que mostra que os jovens têm preocupação com este cotidiano, tanto que na nossa análise, embora não tenhamos abordado especificamente a visão deles sobre o assunto ‘violência’, chamamos atenção para as associações feitas a este tema.

Iniciaremos nossa análises buscando compreender como entre os jovens desperta o interesse em participar dos projetos culturais, uma vez que se trata de uma escolha, para, posteriormente, verificarmos sua participação dentro dos projetos.

Segundo alguns entrevistados, a motivação para participação foi referida nos seguintes termos:

“Eu fui ver a apresentação que teve aqui no CAIC, que fui ver, foi até no auditório, ai pegou, gostei de ver eles dançando e até hoje eu to dançando também” (J. 13 anos, bailarina).

“Eu vi os meninos jogando, eu tinha um irmão que jogava, ai faz tempo, ai pegou e me chamou para o grêmio” (G. 20 anos, jogador de futebol).

“O motivo, é assim, porque é time de futebol que disputa campeonatos e essas coisas assim, e da muitas oportunidades para jovens pra sair, ir assim, surgir assim para ser um jogador de futebol quem sabe um dia. Fazer testes essas coisas” (D. 18 anos, jogador de futebol).

Como se vê, a motivação para a entrada no projeto é variada. Dentre as apresentadas observa-se na primeira, que o despertar do interesse da participante se deu a partir de uma apresentação assistida em um espaço social (CAIC) da comunidade, o que gerou a vontade de fazer parte do grupo.

No segundo depoimento, o conhecimento da existência do futebol do Gazela, Grêmio Recreativo Gazela Negra, se deu a partir de familiares e amigos, que convidaram o entrevistado para participar o que o conduziu a entrar no grupo. Este é um caso muito freqüente entre os participantes; na maioria dos depoimentos sobre o assunto, eles afirmam que entraram no projeto através de amigos e familiares que já participavam, isso não só acontece com os que praticam futebol, mas também com os que se engajam no teatro e dança do Gazela e na percussão do Lamento Negro.

No terceiro caso, pouco comum, o conhecimento e interesse pelo grupo são devido à repercussão do futebol do Gazela ser um elo para que os jogadores sejam convocados para as escolinhas de futebol de clubes maiores como Náutico, Santa Cruz e Sport. Este fato acontece por conta dos coordenadores do futebol do Gazela terem contato com “olheiros” (pessoas especializadas em encontrar jovens jogadores) destes clubes, o que já

proporcionou a entrada de alguns jovens participantes do Gazela nestas escolinhas de futebol.

Isso nos mostra que as formas mais comuns de interesse para o ingresso nos projetos do Gazela e do Lamento aparecem através das apresentações dos grupos no bairro e o convite é feito por amigos e familiares já participantes.

Um outro ponto importante diz respeito às exigências e limitações dos grupos diante de seus participantes. Uma das exigências mais importantes é a frequência dos jovens à escola, como expresso pelos jovens mais adiante, e a não utilização de drogas, bebidas e cigarros.

“Me impede de fazer várias coisas... Se eu quiser beber, fumar, não pode. Impede o lado ruim, não deixa a gente usar droga, tira a gente da rua. É bom por isso” (J. 17 anos, bailarina)

“Se a gente souber do uso de drogas, o Gazela chama pra conversar e dá mais uma chance, e às vezes tem que ser obrigado mesmo a proibir. Se eles continuam o projeto tenta orientar, mas excluir do balé só porque eles se viciaram, isso não. Temos que tentar ajudar ele a sair do vício” (A. 18 anos, bailarino e professor substituto).

De acordo com os depoimentos, as opiniões dos jovens são a favor destas “proibições”. No primeiro caso, a participante vê esta limitação como forma de se manter distante dos vícios, das drogas e da criminalidade, “do lado ruim”, inclusive de tirar os jovens das ruas e dar uma ocupação com base cultural para eles.

O segundo depoimento apresenta, de forma bastante interessante, como é o acompanhamento caso o participante esteja fazendo uso de drogas. O Gazela não exclui o jovem, ele trabalha junto a este participante de forma mais aproximada, e insistentemente, até que ele supere o vício.

Podemos considerar que esta opinião positiva dos jovens sobre as limitações impostas pelo projeto se deve ao fato dos jovens serem vistos na comunidade como exemplo para outros jovens, como afirma o entrevistado:

“Porque se eu for usar drogas, os meninos que dão, vão comigo e também vão usar. Então eu não uso pra eles não usarem. Eu gosto porque eu estou passando pra eles o que eu aprendi” (J. 17 anos, bailarina).

Isso nos mostra que os jovens integrantes sabem a importância da imagem deles dentro e fora do projeto, e compreendem que suas ações refletem no comportamento dos demais, ou seja, se eles, que são participantes, dos projetos usam drogas, então qualquer outro jovem pode usar também. Como vemos no depoimento, este fato se apresenta como uma preocupação do que eles podem estar passando para o restante das pessoas, uma vez que seu objetivo é transmitir as coisas que vêm aprendendo dentro dos projetos.

No que diz respeito à contribuição do projeto na vida dos participantes, identificamos que ela é dada no sentido de tirar o jovem da vulnerabilidade em que se encontra socialmente.

“Me tira da rua... Ocupa meu tempo em tudo” (J. 17 anos, bailarina)

“... Tudo em geral. Primeiro na área social, na formação do emprego, do coleguismo, e a pessoa ser verdadeira. Tudo muda na vida de um jovem. Iniciativas a não entrar no mundo das drogas, e iniciativa aos estudos. Acredito que um jovem que não tenha nada disso só vai existir no mundo por existir. Por isso é importante um projeto desse num bairro, em qualquer localidade, mas é importante” (M.D. 21 anos, cantora e bailarina).

“Em muitas partes, em muitas coisas, que eu bebia – parei – pronto saía virado com os colegas, alguns mandavam pegar em arma, eu deixei essa vida para lá, até um primo meu que ainda tá vivo graças a Deus, mas nunca gostei de matador, grupo de extermínio” (E. 16 anos. Jogador de futebol)

Os dois primeiros depoimentos nos mostram que na visão dos jovens os projetos servem como alternativas para o não envolvimento com a criminalidade e o uso de drogas. No primeiro é ressaltada a questão da ocupação do tempo livre do jovem. O segundo, como forma de complemento, caracteriza a importância da formação profissional e artística e a valorização do emprego, como também a valorização da vida em grupo e da escola. Aponta, ainda, uma diferenciação entre os jovens que têm oportunidade de participarem de um projeto e os que não têm. Este assunto será mais bem explorado posteriormente, quando falaremos da alteridade dos jovens diante dos outros.

O terceiro depoimento nos mostra incisivamente a escolha do participante, pois, a partir de sua entrada do projeto mudou alguns costumes como beber e ter, no seu círculo de amizade, pessoas que praticavam atos criminosos.

Após observarmos as impressões que os jovens têm sobre os projetos, iremos agora analisar o que eles atribuem às suas participações e quais elementos os projetos têm dado para a construção de suas identidades. Iniciaremos com a observação dos jovens com relação à interferência deles nas decisões dentro dos projetos.

“Às vezes, um grupo maior se junta, decide e passa pra um grupo menor e pergunta o que acham... Às vezes pinta apresentação em algum lugar, se a gente não quiser, não vai” (J. 17 anos, bailarina)

“Primeiro é passado pela direção, a direção decide, entre aspas, e passa pra gente. Quando passa pra gente, vem o caso de concordar ou não, caso não concorde vai ser avaliado novamente a questão” (M. D. 21 anos, cantora e bailarina).

“Algumas vezes a gente avalia o que é bom ou ruim, outras vezes a coordenação já decide” (A. 18 anos, bailarino e professor substituto)

De acordo com o que foi visto, as expressões dos jovens interferem dentro dos projetos até certo ponto. Dentre os próprios participantes a visão sobre sua interferência nas decisões dos grupos diverge. Uns acham que são atendidos, como no primeiro depoimento e outros afirmam que quem tem poder de decisão são os coordenadores: por mais espaço que dêem para a opinião dos jovens, são eles que tomam decisões finais sobre o que será realizado dentro dos projetos, como afirmam os dois últimos depoimentos.

Com base no conceito de identidade segundo o qual o ‘sujeito pós-moderno’ (Hall, 2002) assume papéis diferentes de acordo com a exigência de diferentes momentos,

buscamos observar, nas entrevistas, a percepção que os jovens têm com relação à sua identidade a partir de possíveis mudanças de posturas identitárias nos seus espaços de vivência.

“... Acredito que hoje sou a mesma pessoa dentro e fora do projeto. A partir do momento que eu entrei, tenho responsabilidade hoje com qualquer coisa, sou uma pessoa que estuda muito. Tudo isso eu aprendi no projeto” (M.D.21 anos, cantora e bailarina).

“Sou diferente sim. Em casa eu só convivo com adultos e não tenho contato com crianças, já no projeto me acho diferente porque trabalhar com crianças e adolescentes, tenho que ter muita responsabilidade, porque dão muito trabalho, então eu tenho que dar muito trabalho pra eles também. Não posso deixar eles descansarem. Uns não gostam de mim, outras me amam... Em casa sou meu normal. Aqui no balé também sou normal, mas só na hora da dança... Eu sou aquela pessoa que incentiva, sou rude e não sou, sou exigente” (A. 18 anos, bailarino e professor substituto).

“... Eu posso dizer mais que sou menos irresponsável na escola... Aqui no Lamento eu acho que sou responsável” (R. 17 anos, percussionista).

Em alguns casos, os entrevistados afirmam que não há mudança de comportamento, como na primeira fala. Mas, dentro do próprio discurso, percebemos que a mudança de comportamento não se deu apenas em uma ou outra situação na vida, mas num nível mais

geral, pois adquiriram comprometimento e responsabilidade nas coisas em que se envolveram.

Na segunda fala, percebemos que o jovem reconhece a mudança de sua postura de acordo com a necessidade do ambiente. Ele ilustra isso ao relatar a relação que tem em casa e no Gazela. Em casa, o jovem é “normal” e se comporta como qualquer pessoa de sua geração no ambiente familiar, que é composto apenas por adultos e que, pelo que se pode perceber, não exigem muita responsabilidade dele dentro de casa.

No Gazela, o compromisso com o projeto faz com que ele assuma uma postura mais séria e exigente pois, devido ao domínio que ele tem sobre a dança afro, vez por outra assume a responsabilidade de professor substituto quando o coreógrafo oficial do grupo está ausente. Esta mudança de postura desperta dentro do grupo uma liderança que, de acordo com o que pode ser interpretado, o torna uma pessoa respeitada pelos outros participantes

A terceira fala mostra a postura diferenciada que o jovem tem na escola e no projeto de que participa. Na escola se mostra menos dedicado, mas no Lamento ele é comprometido, o que faz com que ele se identifique como uma pessoa responsável.

Ainda com relação ao sentido de responsabilidade adquirido pelos jovens, identificamos que um elemento muito importante na formação da identidade deles é o compromisso com a escola e a valorização do estudo.

“Na vida da liberdade, como falei, de não ter responsabilidade com nada, mesmo sendo jovem. Só ia pra escola pela pressão de mãe e pai, tinha que terminar os estudos. Tinha o pensamento de fazer faculdade, tinha não, tenho ainda. Mas com incentivo do projeto e com a arte melhorou... Eu digo que hoje

eu terminei os estudos por incentivo do projeto, e a ter força de vontade” (M. D. 21 anos, cantora e bailarina).

“O Gazela Negra ajudou muito na escola... Porque eu era muito ruim no colégio. No ano passado quase que eu não passava, aí o Gazela Negra ficou em cima, daí eu passei. Esse ano minhas notas estão boas. Eles se preocupam muito com a gente” (A. 14 anos, bailarina).

Os depoimentos mostram que os jovens sofreram influência dos projetos com relação ao estudo, uma vez que eles atribuem a melhora no seu aprendizado escolar à exigência feita de estarem na escola, qualificando a sua dedicação ao estudo como base para a profissionalização e para a elevação da escolaridade dos participantes.

Outro ponto importante em nossa pesquisa é observar a relação que os jovens têm com suas famílias e como estes novos elementos da identidade dos jovens vem contribuindo para o convívio em casa.

“Disseram que agora mudei, estou com um novo pensamento. Não penso mais em coisa errada, minha mãe mudou o relacionamento comigo... Discutíamos demais. Hoje não existe mais briga em casa” (A. 14 anos, bailarina).

“Bom, muito bom, a melhor coisa que tem no mundo é uma família, pra mim é uma família a melhor coisa que tem, família a gente tem o que, amor de

pai, de mãe, dos irmãos, dos avós, apesar que meus avós já morreram tudo, é sempre bom, sempre bom” (L. C. 17 anos).

“Mudou. A discriminação em casa. Porque a minha avó, minha família quase toda é crente e não gostam dessas coisas. Dizem que é macumba, aí toda vez que eu venho pra o ensaio eles reclamam... Minha avó já acostumou, porque já faz dois anos e pouco que sou dessas coisas. Não vou dizer que ela não fala, mas já acostumou” (F. 17 anos, bailarino).

Nas duas primeiras declarações identificamos que a participação dos jovens no projeto favoreceu uma aproximação e um melhor relacionamento no âmbito familiar. Na terceira fala percebemos uma resistência da família do jovem com relação à sua participação no projeto, devido à religião da família não aceitar expressões da cultura negra na dinâmica das atividades do grupo do qual o jovem faz parte. Segundo o entrevistado, mesmo com esta rigidez da família, ele vem adquirindo respeito e seu espaço dentro de sua casa a partir da aceitação de alguns membros em relação à opção do jovem de participar do projeto.

Indagamos qual seria a importância de trabalhar a cultura negra dentro dos projetos, e como ela contribui na vida do jovem. Percebemos, nos depoimentos, uma maior valorização da cultura negra a partir da participação dos jovens nos projetos.

“Pra mim é ótimo. Ainda existe racismo. Pra mim trabalhar a consciência negra é dar mais valor a nossa cor. Eu valorizo tudo hoje. Antigamente eu não

ligava pra isso, antes do projeto. Hoje eu valorizo tudo que venha ser da consciência negra” (M. D. 21 anos, cantora e bailarina).

“Porque os negros foram os nossos antepassados e não só existiu, como existe ainda a discriminação. Então a gente trabalha muito em cima da cultura afro porque a gente mostra ao povo de hoje quem foram os negros no passado e quem são os negros no presente e no futuro” (A. 18 anos, bailarino e professor substituto).

Devido ao contato com as questões da raça e da cor¹⁰, os jovens vêm adquirindo um maior respeito com relação às lutas contra a discriminação, mostrando que a cultura negra contribuiu na formação da sociedade brasileira. Outra coisa interessante que foi possível perceber no contato com os jovens, foi a utilização de linguagens da cultura afro, principalmente visuais, foi muito comum encontrar jovens com penteados afros, tranças, coques e faixas estampadas compondo o visual afro.

Poderíamos caracterizar isso como, além de modismo entre eles, um meio de assumir a identidade negra. Mas vale ressaltar que este tipo de assimilação é identificada a partir do discurso que se tem sobre o que é ser negro, o que não é o nosso caso, pois esta questão não foi explorada em nosso trabalho.

Em nossa pesquisa buscamos identificar, segundo os entrevistado, qual a importância dos jovens participantes dos projetos nos grupos que integrou e na comunidade de Peixinhos. Obtivemos as seguintes declarações.

¹⁰ É difícil desvincular a questão raça e cor no Brasil, pois historicamente a cor funciona como uma imagem figurada da raça. Para saber mais ler GUIMARÃES (1995).

“A importância de incentivar as crianças e adolescentes que estão chegando, pra ver e pra aprender. O objetivo é o de incentivar a dança afro, que aqui eles estão aprendendo, estão fazendo uma cultura, e o melhor, não estão fazendo na rua usando drogas e fazendo coisas ruins, e não estão arriscando a vida, estão dançando e fazendo o que eles gostam... Eu dou minha força de vontade, minha garra, minha dança e meu ensinamento... Com relação a comunidade muita coisa. Por exemplo, tirando os adolescentes e jovens da rua, incentivando a fazer uma cultura, porque a entidade Gazela Negra não só trabalha com balé afro, com a dança afro, trabalha também com a dança popular, teatro, frevo, capoeira, incentivando as crianças da rua que não têm o que fazer nas horas vagas, incentiva a procurar uma dessas entidades” (A .18 anos, bailarino e professor substituto).

“Aqui em Peixinhos a importância é enorme. Por que? Caso não tivesse um projeto como esse, na verdade agente estaria no mundo do crime. Por influência ou vontade. Participando de qualquer forma” (M.D. 21 anos, cantora e bailarina).

“Eu me vejo uma pessoa esforçada, querendo chegar e querendo sempre o bem, o meu bem e me aperfeiçoando mais ainda” (D. 18 anos, percussionista).

A importância do jovem reside, portanto, em incentivar e passar para outras pessoas os conhecimentos que estão sendo adquiridos a partir dos projetos. Percebemos que a

importância de si mesmo atribuída pelo jovem está diretamente ligada à sua participação junto ao projeto e às ações dentro da comunidade a partir da valorização da cultura, com o aprendizado de expressões artísticas como meio de ocupar o tempo livre e de distanciamento da violência.

O terceiro depoimento nos mostra um reconhecimento do jovem do próprio esforço e o desejo de um aperfeiçoamento naquilo que ele está aprendendo dentro do projeto, buscando assim uma profissionalização artística.

Com relação à visão que os jovens têm de outros jovens, seja daqueles que também fazem parte dos projetos ou dos que não participam, obtivemos as seguintes declarações:

“Eles gostam muito. Tem uns que não tem muito interesse, tem outros que têm, são um pouco doidos... É porque tem horas que eles dançam com gosto, tem horas que estão com preguiça. Só dançam por dançar, mas isso acontece”.(J.17 anos, bailarina)

“A gente tem muitos jovens com interesse, outros não, muitos preferem estar mesmo na rua à toa que estar em um salão dançando... estar participando de um projeto, a gente tá aprendendo, vivendo, mostrando, criando amizades, esquecendo dos vícios da rua, das coisas ruins que acontece no mundo, tá se guardando mais, se preservando mais, e os amigos que não participam de um projeto, estão por aí a fora arriscando a vida, pensando o que não presta fazendo coisas ruins” (A.18 anos, bailarina).

A visão sobre os participantes demonstra que dentro do grupo nem todos têm interesse e dedicação, mas muitos têm o compromisso com o grupo. Com relação àqueles que não participam, os jovens atribuem isso à falta de interesse em aprender novas atividades diferentes daquelas vividas nas ruas, onde estão vulneráveis à criminalidade e à violência.

Outro fator importante a ressaltar é como a participação dos jovens nos projetos culturais, e a existência destes projetos, vêm contribuindo para a mudança da imagem do bairro de Peixinhos. Nas entrevistas, percebemos que os jovens sentem esta mudança, se responsabilizam por elas. Assim, destacamos o seguinte depoimento:

“A gente divulga, divulga muito, porque Peixinhos é um bairro muito comentado... Por ser violento, muitas mortes. Então onde a gente chega, a gente diz: ‘Somos de Peixinhos’. O povo já vira as costas. Quando vê a gente dançando, mostrando o trabalho, já fica meio assim, mas é um bairro muito falado, então a gente divulga e ajuda a comunidade” (J. 17 anos).

Como se vê, a responsabilidade do jovem está evidenciada nesta fala, ao mostrar que dentro de uma comunidade violenta, contra a qual as pessoas de outras localidades têm preconceito, inclusive com relação aos moradores, a seriedade de um projeto e de seus participantes faz com que a imagem seja modificada a partir da apresentação dos trabalhos realizados com os jovens, proporcionando o respeito da sociedade aos moradores da comunidade de Peixinhos.

Percebemos nesta análise que, para os jovens entrevistados, a participação em projetos culturais sociais, promove à sua identidade social com a elaboração maior dos seguintes

princípios e comportamentos: o senso de responsabilidade em seus atos; a valorização da escola, da profissionalização e da cultura; a valorização da relação familiar; o respeito às pessoas com quem convivem e o não envolvimento com drogas ou com a violência em geral. Os jovens abordados se identificam, sobretudo, como cidadãos dispostos a usufruírem seus direitos e exercerem seus deveres.

CONCLUSÃO

O objetivo central de nossa análise foi identificar quais elementos são acrescentados à identidade social dos jovens a partir de sua participação em projetos sociais. Para esta investigação, inicialmente, buscamos compreender como se desenvolveram os estudos sobre cultura e identidade, e como a juventude vem, ao longo da história, desempenhando um papel relevante nesse processo.

Analizamos, a princípio, como o conceito de cultura evoluiu, identificando, no debate franco-alemão, que a palavra, do século XVII ao século XX, modela as duas concepções de cultura, uma particularista, outra universalista, que estão na base das maneiras de definir o conceito de cultura nas Ciências Sociais contemporâneas.

A cultura vem sendo analisada como meio de dominação e hierarquização entre os povos. Portanto, fizemos uma breve estudo sobre cultura: popular, de massa, de classe, dentre outras. Percebemos que a partir de estudos sobre cultura de massa realizadas, nas décadas de 1950 e 1960, a categoria juventude tem suas ações registradas com destaque, devido às manifestações culturais caracterizadas como contracultura e subcultura.

Assim, as Ciências Sociais vêm apontando a relevância de se estudar a juventude em um contexto mais geral, ou seja, enquanto cultura. Nesta época da efervescência da cultura de massa, percebemos que certos fenômenos sociais chamaram a atenção para a existência de uma cultura juvenil.

Esta cultura juvenil aparece como meio de resistência a uma cultura tradicional, e com seu poder de contestação propõe um mundo alternativo aos hábitos consagrados de

pensamento e comportamentos da cultura dominante característica das sociedades ocidentais.

A subcultura tem como principais configurações culturais as culturas de classes; as subculturas são estruturas menores, mais localizadas e diferenciadas e fazem parte das culturas de classe. A cultura juvenil apresenta-se ambivalente, pois ela participa da cultura de massas do conjunto da sociedade e, ao mesmo tempo, procura diferenciar-se dela.

Buscamos compreender a relação existente entre a cultura e a identidade. Estes dois termos apresentam uma aproximação nos seus significados, uma vez que a identidade cultural encaminha, em princípio, à questão mais abrangente da identidade social. Esta não diz respeito unicamente aos indivíduos, uma vez que todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde a sua definição social e que permite situá-lo no conjunto da sociedade, ou seja, a identidade é marcada pela diferença, onde a última é sustentada pela exclusão.

A pós-modernidade proporcionou aos indivíduos a possibilidade de se relacionarem em várias e diferentes instituições, seja a família, a escola, o trabalho. Compreendemos que isto torna o indivíduo flexível com relação às suas ações nestes diferentes contextos, assumindo, assim, diferentes identidades, que são evidenciadas de acordo com as necessidades em cada espaço social.

Identificamos como sendo necessário um estudo que nos mostrasse o contexto em que a juventude contemporânea veio se expressando no decorrer da segunda metade do século XX até os dias atuais. Isto se deve ao fato de que, historicamente, as Ciências Sociais vêm apresentando dificuldade para conceituar o termo juventude.

Para resolver esta questão, buscamos compreender como a juventude vem atuando no decorrer do século XX, e percebemos que os mais importantes estudos foram realizados a

partir deste período por pesquisadores da Escola de Chicago, cidade onde a crescente desorganização social proveniente do crescimento das metrópoles conduziu a associações entre desorganização social e violência, zona de transição e criminalidade, violência urbana e juventude.

É entre as décadas de 1960 e 1970 que o problema da juventude aparece como sendo de toda uma geração de jovens ameaçando a ordem social, nos planos político, cultural e moral, por uma atitude crítica à ordem estabelecida e pelo desencadear de atos concretos em busca de transformação –movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra a tecnocracia e todas as formas de dominação.

Assim, os estudos tinham esses jovens como uma figura central não só pelo seu significado social, mas, sobretudo, pelo fato de terem sido os jovens de classe média, secundaristas e universitários sujeitos ativos nas mobilizações sociais que marcaram aquele período.

A juventude brasileira aparece nos estudos sociológicos como sujeito em busca de mobilização e de mudança social. A preocupação está em analisar suas potencialidades através de relações como integração e marginalidade, radicalismo e alienação.

Os Estudos Culturais vêm contribuindo para a compreensão do comportamento juvenil ao longo das observações reservadas aos estudos da juventude mundial. Ao atribuírem a atitude cultural juvenil a uma forma de ação política, a partir da segunda metade do século XX, proporcionaram uma compreensão do surgimento de vários grupos juvenis, como os de estudantes, hippies, Darks, Punks, etc.

Os anos de 1980, evidenciam a juventude, principalmente, com relação à formação de tribos (bandos, estilos, subculturas e culturas) ligadas a determinadas linguagens juvenis como estilos musicais e modos de apresentação. Em destaque, temos o movimento punk, e

também o surgimento de novas tribos e o revigoramento de outras, todas tendo como características de suas atividades a elaboração de e novas identidades.

Analisamos, também, que nos grandes centros urbanos brasileiros fatores econômicos e sociais, como o aumento do desemprego e da pobreza e a fome, favoreceram o crescimento da criminalidade, o aumento do tráfico e do consumo de drogas.

Os jovens dos anos de 1990, aparentemente, apresentam um desinteresse com relação às questões políticas, o movimento estudantil não sendo mais tão organizado como em suas épocas áureas. Os jovens têm sua formação em redes mais dispersas em relação àquelas dos anos de 1960, nas escolas públicas e particulares, nos lugares de trabalho, nas ruas e em outros espaços de lazer, cultura e sociabilidade.

Durante a década de 1990, foi possível perceber o aumento da violência urbana, principalmente na periferia dos centros urbanos, além do crescente envolvimento da juventude em galeras, quadrilhas de assaltantes ou quadrilhas de tráfico de drogas. Deste período até o início do ano 2000, identificamos diferentes formas de organizações sociais no Brasil, em resposta à grande exclusão social. Vários grupos surgiram dentro de comunidades da periferia dos centros urbanos, com o interesse de buscar formas de melhorar a vida dos indivíduos nelas residentes.

Identificamos, aqui em Recife, muitos projetos surgidos na Região Metropolitana, sobretudo aqueles que apresentam a cultura como forma de estimular o autoconhecimento, o relacionamento com a sociedade, seus símbolos e seus valores. Estes projetos apresentam as mais diversas propostas, as quais têm, através da valorização do esporte e lazer, arte e cultura, educação e profissionalização, o interesse de despertar a consciência de cidadania dos jovens participantes.

Dentre os projetos observados em nossa pesquisa, percebemos que estes influenciam a formação da identidade social do jovem. De acordo com as declarações dos jovens entrevistados, pudemos perceber que a sua participação em projetos culturais proporciona à sua identidade social a elevação qualitativa de elementos como: o senso de responsabilidade em seus atos; valorização da escola, da profissionalização e da cultura; valorização da relação familiar; respeito às pessoas com quem convivem e o não envolvimento com drogas ou com a violência em geral. Os jovens abordados se identificam, sobretudo, como cidadãos dispostos a usufruírem seus direitos e exercerem seus deveres.

Os dados apresentados nos levam a pensar que a mobilização juvenil hoje, pelo menos na periferia de Recife, nosso referencial, é menos espontânea que no passado. Mostra-se menos desenvolvida em instituições tradicionais como a família e a escola, como também nos próprios grupos de rua, e mais desenvolvida em instituições alternativas, como as ONGs. O espaço de criação de uma identidade cidadã hoje, em comunidades como Peixinhos passa pelo elemento cultural, pelo lazer, e pelo acompanhamento do adulto, suprimindo uma carência dos jovens.

Dessa forma, os projetos culturais interferem e contribuem para a formação da identidade do jovem, na medida em que este jovem adquire consciência da sua importância dentro do projeto e do seu compromisso com a comunidade em que vive, despertando uma relação onde o respeito às diferenças prevalece e o acesso à cidadania se verifica através de atividades culturais como meio de expressão de suas ações políticas e especificamente juvenis.

BIBLIOGRAFIA:

ABRAMO, Helena W.(1994). *Cenas Juvenis*. São Paulo: Ed. Página Aberta.

_____.(1997) “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In. *Juventude e Contemporaneidade*.Revista Brasileira de Educação (Anped) n° 5e n°6. Rio de janeiro.

ALTORETRATO.(2001) Jornal experimental do curso de Comunicação Social da UNICAP, publicado pelo Jornal Diário de Pernambuco em 10 de Fevereiro de 2001.

ARAÚJO,Lídice Maria Silva (2002). *Os Jovens do Recife e o Lugar de Cada Um*. São Paulo. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós- Graduados em Ciências Sociais.

BARROS, Ricardo Paes de e MENDONÇA, Roseane S. Pinto.(1991). “As conseqüências da pobreza sobre a infância e a adolescência”. IN: FAUSTO, Ayrton e CERVINI, Ruben. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, UNICEF/FLACSO/CBPIA/CORTEZ.

BECKER, Haward. *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BRITO, Sulamita (1968) – *Sociologia da Juventude*. Vol. I, II, III, IV. Rio de Janeiro: Zahar editores

CANCLINI, Nestor Garcia (1999). *Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. (1987). “Os movimentos sociais na América Latina”.IN:
Revista Brasileira de Ciências Sociais, número 3 vol. 1. São Paulo: Cortez.

CARRANO, Paulo César Rodrigues (2002). *Os Jovens e a Cidade: Identidades e Práticas Culturais em Angra de Reis e de Rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ.

Comportamentos Violentos na Adolescência. Análise de comportamento na adolescência. CCLF/Gajop.

CUCHE, Denys (2002). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: ADUSC.

DIÓGENES, Glória. (1995) *Por uma Abordagem Hermenêutica da Violência (as gangues e o Movimento Hip Hop Organizado)*. Fortaleza: UFC.

_____, *Rebeldia Urbana: Tramas da Exclusão e Violência Juvenil*. Fortaleza: UFC, 1995.

EISENSTADT, S.N. (1976) – *De Geração a Geração*. São Paulo, Perspectiva.

FALCONE, Karina.(1996). *A Rebeldia em Código-Cifrado*. Monografia de conclusão do curso de Jornalismo UFPE.

FLITNER, Andréas (1968). Os Problemas Sociológicos nas Primeiras Pesquisas sobre Juventude. IN: BRITO, Sulamita (1968) – *Sociologia da Juventude*. Vol. I., Rio de Janeiro: Zahar editores

FONSECA, Nínive M. (2003). *Do Matadouro ao Nascedouro: A Criação de Novos Espaços de Participação Juvenil*. Recife:Dissertação de Mestrado. PPGS – Programa de Pós- Graduação em Sociologia. UFPE.

- FONTES, Breno Souto-Maior.(1999). “Redes de Movimentos Sociais: um estudo dos bairros da Zona Norte do Recife. IN: FONTES, Breno Souto-Maior. *Movimentos Sociais: produção e reprodução do sentido*. Recife: Ed. Universitária UFPE.
- FORACCHI, Marialice M.(1972). *A Juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira.
- GUIMARÃES, Antônio S. (1995), Racismo e Anti - Racismo no Brasil. In *Novos Estudos*, CEBRAP, n° 43, p.26-46.
- GUIMARÃES, Eloísa.(1997). Juventude(s) e Periferia(s) Urbanas. In. *Juventude e Contemporaneidade*.Revista Brasileira de Educação (Anped) n° 5e n°6. Rio de Janeiro.
- Juventude, Violência e Cidadania no Município do Rio de Janeiro*. Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli/ CLAVES/ ENSP/ FIOCRUZ/ UNESCO/ FUNDAÇÃO FORD.
- HALL, Stuart (2002). *Identidade Cultural na Pós – Modernidade* DP&A Editora.
- _____; JEFERSON, Tony (1975). *Resistance Through Rituals: youth subcultures in pos-war Britain*. Birmingham: Hutchinson University Library.
- HOLLANDA, Heloísa B., GONÇALVES, Marcos A. (1987). *Cultura e Participação nos Anos 60*. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense.
- JUNIOR, José (2003). *Da Favela Para o Mundo: A História do Grupo Cultural Afro Reggae*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- MISCHE, Ann. (1997). De Estudantes a Cidadãos: rede de jovens e participação política. In. *Juventude e Contemporaneidade*.Revista Brasileira de Educação (Anped) n° 5e n°6. Rio de Janeiro.

- MISSE, Michel. (1995) “Crime e Pobreza: Velhos enfoques, novos problemas” In: *O Brasil na virada do século: O debate dos cientistas Sociais*. BÔAS, Gláucia Villas, GONÇALVES, Marco A. (Org). Rio de Janeiro: Redume – Dumará.
- MORIN, Edgar. (1977). *Cultura de massa no século XX: a espírito do tempo II: necrose*. Rio de Janeiro, Forense – Universitária.
- MÜXEL, Anne. (1997). Jovens dos Anos Noventa: à procura de uma política sem rótulos. In. *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação (Anped) n° 5e n°6. Rio de Janeiro.
- NOVAES, Regina Reyes. (1997). “Juventudes Cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. IN: VIANNA, Hermano. Op. Cit.
- OLIVEIRA, Jane Souto De. (1996). “Os outros lados do Funk Carioca”, mimeo, Instituto de Medicina Social, UERJ.
- PAULA, Zuleide de. *Peixinhos, um rio por onde navegam um povo e suas histórias*. Recife: Edições Bagaço.
- PARK, Robert. (1967). In: VELHO, Gilberto. “O Fenômeno Urbano”. Rio de Janeiro: Zahar.
- PERALVA, Angelina. (1997). O Jovem como Modelo Cultural. In. *Juventude e Contemporaneidade*. Revista Brasileira de Educação (Anped) n° 5e n°6. Rio de Janeiro.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. (1988). *O que é Contracultura*. Coleção Primeiros Passo. São Paulo: Editora Brasiliense.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. (1997) - *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor.

- REIS, Letícia I. G. (2000) “Jovens em situação de risco” In: ALVIM, Rosilene GOUVEIA Patrícia (orgs). *Juventude dos anos 90*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- SOARES, L. E. (1996) et alli. “Violência e Política no Rio de Janeiro”. Rio de Janeiro: ISER & Relume Dumará.
- SOARES, Paulo M. (1994). *Urbana Legião: Consumo e contestação no Rock brasileiro dos anos 80*. . Recife: Dissertação de Mestrado. PPGS – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPE.
- SOUZA, Cláudio Moraes (2002). *Da Lama ao Caos: A Construção da Metáfora Mangue, Como Elemento de Identidade/ Identificação da Cena Mangue Recifense*. Recife: Dissertação de Mestrado. PPGS – Programa de Pós- Graduação em Sociologia. UFPE.
- SPOSITO, Marília Pontes.(1994). “A Sociabilidade Juvenil e a Rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade”. *Tempo Social; Revista de Sociologia*. São Paulo: USP.
- VELHO, Gilberto. (1996) “Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica”.IN: VELHO, Gilberto e ALVITO, Marcos (ORG), *Cidadania e Violência*. Rio de janeiro: UFRJ e FGV.
- _____.(1994) *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- VIANA, Hermano.(ORG.) (1997) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ.
- ZALUAR, Alba. (1997) “Gangues, Galeras e Quadrilhas: Globalização, Juventude e Violência”. In VIANA,Hermano.Op. Cit.

_____. (1996). “A globalização do crime e os limites da explicação local. IN: VELHO, Gilberto. Op. Cit.

_____ e LEAL, Maria Cristina.(1996) “Cultura, educação popular e escola pública”. Revista. Niteroi: UFF. (no prelo)

ZUADA NA PERIFERIA.(2000) *Altofalante: do Alto para o mundo*. Jornal- Laboratório do Departamento de Comunicação Social UFPE.

ANEXO

Fotos do Bairro de Peixinhos

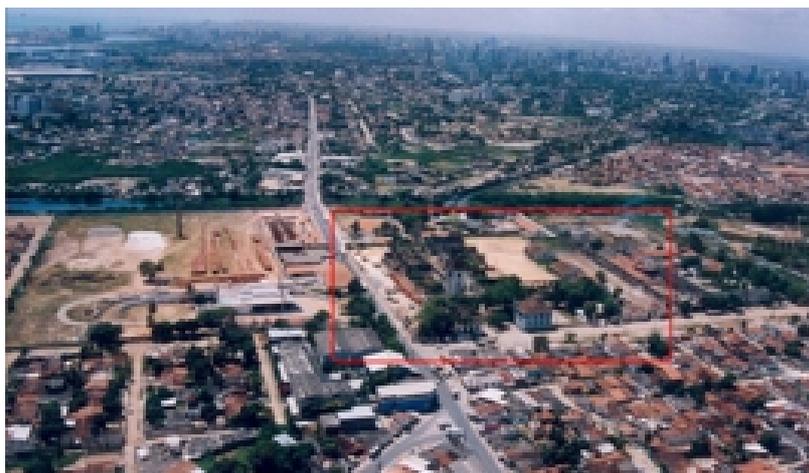


Foto 01 – Vista aérea (Nascedouro de Cultura em destaque)



Foto 02 - Vista aérea (Nascedouro de Cultura em destaque)



Foto 03 – Fachada do CSU (Nascedouro de Cultura)



Foto 04 – Vista Interna (Nascedouro de Cultura)



Foto 05 – Sede do Grupo Gazela Negra.



Foto 06 – Apresentação do Lamento Negro (Carnaval)



Foto 07 – Grupo Lamento Negro



Foto 08 – Apresentação do Lamento Negro (Carnaval)



Foto 09 – Ensaio do Lamento Negro em estúdio.



Foto 10 – Apresentação do Gazela Negra
(Nov/2003)



Foto 11 - Apresentação do Gazela Negra
(Nov/2003)



Foto 12 - Apresentação do Gazela Negra
(Nov/2003)



Foto 12 Grêmio Recreativo Gazela Negra.